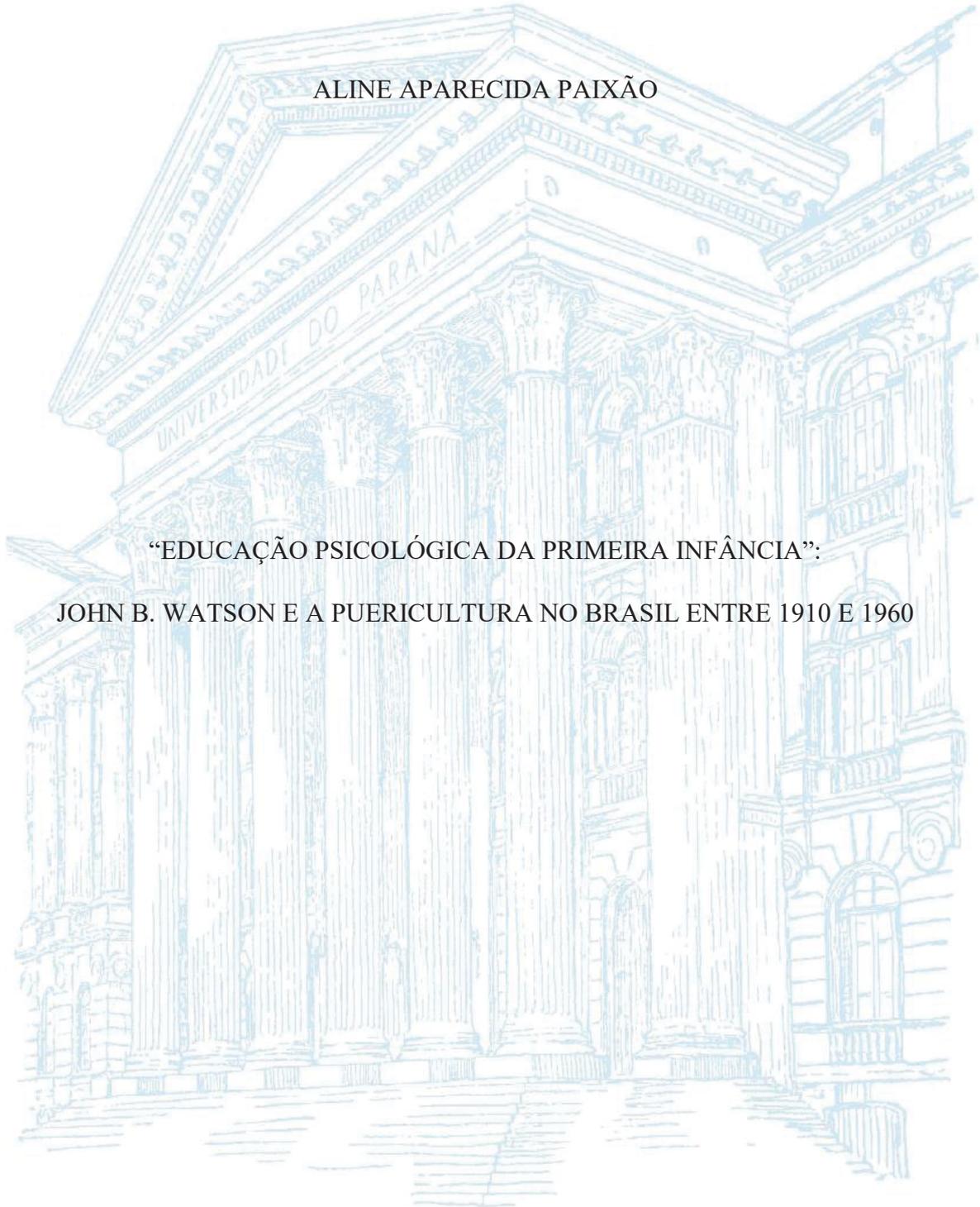


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ALINE APARECIDA PAIXÃO

“EDUCAÇÃO PSICOLÓGICA DA PRIMEIRA INFÂNCIA”:

JOHN B. WATSON E A PUERICULTURA NO BRASIL ENTRE 1910 E 1960



CURITIBA

2021

ALINE APARECIDA PAIXÃO

“EDUCAÇÃO PSICOLÓGICA DA PRIMEIRA INFÂNCIA”:

JOHN B. WATSON E A PUERICULTURA NO BRASIL ENTRE 1910 E 1960

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Psicologia, Setor de Ciências Humanas, Departamento de Psicologia, Universidade Federal do Paraná como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Bruno Angelo Strapasson

CURITIBA

2021

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR –
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Aparecida Noeli Furquim Geffer – CRB 9/1309

Paixão, Aline Aparecida

Educação psicológica da primeira infância : John B. Watson e a puericultura no Brasil entre 1910 e 1960. / Aline Aparecida Paixão. – Curitiba, 2021.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.

Orientador : Prof. Dr. Bruno Angelo Strapasson

1. Behaviorismo (Psicologia). 2. Psicologia educacional. 3. Infância. 4. Educação. 5. Watson, John Broadus, 1878-1958. I. Strapasson, Bruno Angelo. II. Título.

CDD – 150.1943



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PSICOLOGIA -
40001016067P0

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação PSICOLOGIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de ALINE APARECIDA PAIXÃO intitulada: **Educação psicológica da primeira infância: John B. Watson e a puericultura no Brasil entre 1910 e 1960**, sob orientação do Prof. Dr. BRUNO ANGELO STRAPASSON, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestra está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 10 de Dezembro de 2021.

Assinatura Eletrônica

13/12/2021 08:22:30.0

BRUNO ANGELO STRAPASSON

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

17/12/2021 15:31:48.0

ROBSON NASCIMENTO DA CRUZ

Avaliador Externo (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS)

Assinatura Eletrônica

13/12/2021 14:24:36.0

ANA LAURA GODINHO LIMA

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO)

Praça Santos Andrade, 50, 2o andar - CURITIBA - Paraná - Brasil
CEP 80060-010 - Tel: (41) 3310-2644 - E-mail: pgpsicologia@ufpr.br

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.
Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 134551

Para autenticar este documento/assinatura, acesse <https://www.prppg.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp>
e insira o código 134551

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Mestrado em Psicologia, da Universidade Federal do Paraná e professores da linha de pesquisa em Análise do Comportamento por todo conhecimento compartilhado. Toda minha admiração!

Ao professor Bruno A. Strapasson, por toda a paciência comigo! Agradeço imensamente a sua dedicação e profissionalismo, e sua disponibilidade de supervisões em dias e horários mais improváveis. Ao longo das oportunidades que tive de trabalhar contigo, o mestrado foi muito importante, pois tive a oportunidade de vislumbrar a “pessoa” por trás do “professor”.

Aos professores: Robson Cruz do Nascimento e Gabriel Cândido, por suas contribuições ao meu trabalho, em minha banca de qualificação. E a professora Ana Laura Godinho Lima, não só pelos inúmeros textos seus que li e contribuíram muito ao meu trabalho, mas por ter aceito participar da minha banca de defesa.

Aos professores que tive a honra de conviver ao longo de minha trajetória acadêmica: Hélder Gusso, Gabriel Gomes de Luca, Ana Paula Viezzer, Josiane Knaut, Fernanda Magalhães, Maria Cecília Abreu, Yara Ingberman, Mariana Sartor e Fernanda Bordignon Luiz, por serem modelos para mim!

À minha psicóloga Tatiany Porto, que me ajuda sempre a medir minhas escolhas e a ser mais gentil comigo mesma.

Às minhas amigas Sionara Rauch, Caroline Magalhães, Morgana Lopes e Mariana Pianovski, que conheci no mestrado, mas vou levar para a vida! Obrigada por todo o apoio, conversas, risadas, desabafos e reuniões! O mestrado foi muito mais leve por que tive vocês comigo. Um agradecimento especial a minha amiga Sionara, que é minha amiga, companheira, confidente! Obrigada por todo o carinho sempre. Amo você.

Às minhas amigas Ana Paula Oliveira e Jéssica Aline, que me escutaram reclamar várias vezes, mas também acompanharam todos os momentos felizes ao longo do mestrado.

Às minha irmãs, Fabiana Paixão e Agnes Fernandes. Vocês são o meu “girassol”. Obrigada por sempre estarem ao meu lado!

À minha pequena Maria Esther, que com a sua tão pouca idade sempre me deu muita força: “Você vai conseguir mamãe!”. Sei que você sofreu minha ausência, mas espero que um dia você possa ler isso e compreender o quanto ter você em minha vida me deixou mais forte para correr atrás dos meus sonhos! Te amo incondicionalmente!

E ao meu marido Fernando! Sem você meu amor, nada disso seria possível! Meu maior apoiador e a primeira pessoa a sempre comemorar comigo, não as minhas, mas as NOSSAS conquistas! Te amo!

RESUMO

Os manuais de puericultura tiveram um papel importante na educação de mães e futuras mães brasileiras (principalmente as de classe social mais abastadas), que contavam com a orientação em diversas áreas: alimentação, principais cuidados de higiene com o bebê, principais doenças da infância e também aspectos relacionados ao comportamento e à educação dos filhos. O “Psychological Care of Infant and Child” (Watson & Watson, 1928) que foi o primeiro livro de Behaviorismo traduzido para o português brasileiro, publicado no país em 1934 e em 1941, tratava sobre a temática de criação de filhos. Esse trabalho visa avaliar a recepção das traduções do Psychological Care no Brasil e o impacto que essa obra teve na puericultura brasileira na primeira metade do século XX. O trabalho foi dividido em dois estudos. No primeiro apresentamos uma análise histórica do contexto do surgimento dessa tradução bem como algumas características do texto traduzido. Condições sociais responsáveis pelo desenvolvimento da puericultura, mudanças no mercado editorial brasileiros derivadas da crise de 1929 e o estabelecimento de uma cultura de educação de pais parecem ter promovido o investimento na tradução do livro e sua divulgação no país. Apesar dessa tradução ocupar uma posição privilegiada para a disseminação do Behaviorismo no Brasil. Problemas na tradução e eventuais avaliações críticas do autor do prefácio e das notas de tradução parecem ter entregado um livro menos behaviorista que seu original. No segundo estudo avaliamos se houve – e qual foi – o impacto da tradução do Psychological care em manuais de puericultura no Brasil, em meados do século XX. Identificamos que, a despeito dos problemas encontrados na tradução do livro e das críticas feitas pelo comentarista e escritor do prefácio, os conceitos e termos behavioristas do livro dos Watson foram influentes em manuais de puericultura no Brasil entre as décadas de 1930 e 1960, em especial, naqueles que abordavam aspectos psicológicos e comportamentais da criação de filhos.

Palavras-chave: Behaviorismo; história da psicologia; John B. Watson; puericultura.

ABSTRACT

Well-child care manuals played an important role in the education of Brazilian mothers and future mothers (especially those from the wealthier social class) who had guidance in several areas: feeding, main hygiene care for the baby, main childhood diseases and aspects related to the behavior and education of children. The “Psychological Care of Infant and Child” (Watson & Watson, 1928), the first book on Behaviorism translated into Brazilian Portuguese, published in the country in 1934 and in 1941, was about raising children. This research aims to evaluate the reception of “Psychological Care” translations in Brazil and the impact that the book had on Brazilian well-child care in the first half of the 20th century. The research was executed in two parts. In the first, we present a historical analysis of the translation emergence context as well as some characteristics of the translated text. Social conditions responsible for the development of well-child care, changes in the Brazilian publishing market resulting from the 1929 crisis and the establishment of a culture of parenting seem to have promoted investment in the translation of the book and its dissemination in the country. Despite the privileged position of this translation for the dissemination of Behaviorism in Brazil problems in the final text and occasional critical assessments by the writer of the introduction and translation notes seem to have delivered a book less behaviorist than its original. In the second part, we evaluated whether there was – and what was it – the impact of the “Psychological care” translation in mid-20th century well-child care Brazilian manuals in Brazil. We identified that, despite the problems found in the book translation and the criticisms made by the introduction’s writer, the behaviorist concepts and terms in the Watson's book were influential in well-child care manuals in Brazil between the 1930s and 1960s, in particular in those who addressed psychological and behavioral aspects of raising children.

Key-words: Behaviorism, history of psychology, John B. Watson, well-child.

SUMÁRIO

1 “EDUCAÇÃO PSICOLÓGICA DA PRIMEIRA INFÂNCIA”: JOHN B. WATSON E A PUERICULTURA NO BRASIL ENTRE 1910 E 1960	10
REFERÊNCIAS.....	12
2 ESTUDO 1: A DISCRETA INTRODUÇÃO DO BEHAVIORISMO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: A TRADUÇÃO DE “PSYCHOLOGICAL CARE OF INFANT AND CHILD”	14
2.1 MANUAIS DE PUERICULTURA NO BRASIL	19
2.2 A TRADUÇÃO DO <i>PSYCHOLOGICAL CARE</i> PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO	22
2.3 VICISSITUDES DA TRADUÇÃO.....	26
2.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS.....	31
3 ESTUDO 2: A RECEPÇÃO DA TRADUÇÃO DO “<i>PSYCHOLOGICAL CARE OF INFANT AND CHILD</i>” NA PUERICULTURA BRASILEIRA	39
3.1 HIGIENE MENTAL, PUERICULTURA E A PREOCUPAÇÃO COM O FUTURO DA NAÇÃO BRASILEIRA	43
3.2 CARACTERÍSTICAS DO “PSYCHOLOGICAL CARE OF INFANT AND CHILD” 46	
3.3 INFLUÊNCIAS DO BEHAVIORISMO DE WATSON NOS MANUAIS DE PUERICULTURA	51
3.4 “OS FUNDAMENTOS PSICOLÓGICOS DA EDUCAÇÃO BEHAVIORÍSTICA” ...	59
3.5 DISCUSSÃO.....	60
3.6.1 Relação entre os autores dos manuais	60
3.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS.....	65
4 CONCLUSÃO GERAL	70
REFERÊNCIAS.....	71
APÊNDICE 1.....	74
APÊNDICE 2.....	76
ANEXO	78

1 “EDUCAÇÃO PSICOLÓGICA DA PRIMEIRA INFÂNCIA”: JOHN B. WATSON E A PUERICULTURA NO BRASIL ENTRE 1910 E 1960

Ensinar jovens mães qual a melhor forma de ser mãe é uma temática muito discutida atualmente. Desde blogs (e.g., dicas de mulher; crio vida); páginas de redes sociais, nas quais a hashtag *maedeprimeiraviagem* atingiu mais de 6,3 milhões de publicações no Instagram ([#maedeprimeiraviagem], 2021); livros de auto-ajuda (e.g., Schulze, 2020) até trabalhos acadêmicos (e.g., Santos, Baptista & Constantino, 2021), o tema “ser mãe” é amplamente explorado.

Mas não é recente essa preocupação. Ao menos desde de o final do século XVIII, podem ser encontradas referências que tratam desse assunto (e.g., Franco, 1790), com o intuito de ensinar as mulheres a melhor forma de cuidar de seu bebê. Mas foi no século XX que os manuais de puericultura, escritos primordialmente por médicos pediatras e puericultores, começaram a ganhar maior espaço no setor editorial (e.g., Almeida Junior & Mursa, 1927; M. Rocha, 1937; Moncorvo Filho, 1918). Esses manuais tiveram um papel importante na educação de mães e futuras mães brasileiras (principalmente as de classe social mais abastadas), que contavam com a orientação em diversas áreas: alimentação, principais cuidados de higiene com o bebê, principais doenças da infância e também aspectos relacionados ao comportamento e à educação dos filhos. Para escrever sobre esses diversos temas, os autores recorreram a diferentes áreas do conhecimento, entre elas, a psicologia.

Diversas obras com enfoque em orientações a questões psicológicas foram traduzidas para o português brasileiro no século XX, inclusive por médicos puericultores (e.g., Freud, 1934; Czerny, 1934). Uma importante obra traduzida nessa época foi o livro sobre educação de filhos de J. B. Watson e R. R. Watson, o “*Psychological Care of Infant and Child*” de 1928, que teve duas edições de sua tradução publicadas no Brasil (Watson & Watson, 1934 e 1941). O último livro mencionado, torna-se especialmente interessante, por ter sido, até onde pudemos identificar, o primeiro livro behaviorista a ser traduzido no Brasil e porque trata da criação de filhos. Considerando isso, esse trabalho visa avaliar a recepção das traduções do *Psychological Care* no Brasil e o impacto que essa obra teve na puericultura brasileira na primeira metade do século XX.

Para discutir esse tema, essa dissertação foi dividida em dois estudos. O primeiro, intitulado “A discreta introdução do behaviorismo no português brasileiro: A tradução de “*Psychological Care of Infant and Child*”, analisou historicamente o surgimento da tradução

dessa obra para o português brasileiro. Esse primeiro estudo foi publicado na Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, no seu número especial sobre história do behaviorismo (Paixão & Strapasson, 2021).

O segundo capítulo pretendeu avaliar se houve – e qual foi – o impacto da tradução do *Psychological care of infant and child* (Watson & Watson, 1928) em manuais de puericultura no Brasil, em meados do século XX. Esse segundo estudo é apresentado pela primeira vez nesta dissertação.

Após a apresentação dos dois estudos, serão feitas considerações gerais a respeito da recepção da tradução do livro do *Psychological Care* no Brasil e do impacto na puericultura brasileira.

REFERÊNCIAS

- Almeida Junior, A. & Mursa, M. (1927) Noções de puericultura para as mães e para as escolas. Instituto D. Anna Rosa.
- Czerny, A. (1934). O médico como educador: Erros de disciplina e educação. (J. M. Rocha & M. Rocha Junior, trads.). Companhia Nacional de Artes Gráficas (Trabalho original publicado em 1927).
- Equipe Crio Vida. (2020, outubro, 7). 11 coisas que toda mãe de primeira viagem precisa saber. Crio Vida. <https://www.criovida.com.br/index.php/blog/11-coisas-que-toda-mae-de-primeira-viagem-precisa-saber/>
- Franco, M. F. (1790). Tratado da educação física dos meninos, para uso da nação portuguesa. Oficina da Academia Real das Ciências.
- Freud, A. (1934). Introdução a técnica da analyse infantil. (J. M. da Rocha & E. Canabrava, trads.). Marisa (Trabalho originalmente publicado em 1927).
- Herrmann, V. (2021, outubro, 25). Mãe de primeira viagem: Um guia completo para te ajudar nessa jornada. Dicas de mulher. <https://www.dicasdemulher.com.br/mae-de-primeira-viagem/>.
- #maeprimeiraviagem (2021, novembro, 15). www.instagram.com
- Moncorvo Filho, A. (1918) Hygiene infantil. Imprensa Nacional.
- Paixão, A. A. & Strapasson, B. A. (2021). A discreta introdução do behaviorismo no português brasileiro: A tradução de “Psychological Care of Infant and Child. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 23, 1-24. 10.31505/rbtcc.v23i1.1590
- Rocha, M. (1937). Cartilha das mães (4a ed.). Civilização Brasileira.
- Santos, G. C., Baptista, T. W. S. & Constantino, P. (2021). “De quem é esse bebê?”: Desafios para o direito à maternidade de mulheres em situação de rua. *Cadernos de Saúde Pública*, 37(5), 1-17. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311X00269320>
- Schulze, T. (2020). Maternidade presente ou fardo? Pão Diário.
- Watson, J. B. & Watson, R. R. (1928). Psychological care of infant and child. Norton.
- Watson, J. B. & Watson, R. R. (1934). Educação psychologica da primeira infância. (M. B. Lee, trads., J. M. Rocha, revisor). Marisa (Trabalho originalmente publicado em 1928).

Watson, J. B. & Watson, R. R. (1941). Educação psicológica da primeira infância. (2a ed.). (M. B. Lee, trads., J. M. Rocha, revisor). Emiel (Trabalho originalmente publicado em 1928).

2 ESTUDO 1: A DISCRETA INTRODUÇÃO DO BEHAVIORISMO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: A TRADUÇÃO DE “PSYCHOLOGICAL CARE OF INFANT AND CHILD”

John Broadus Watson (1878-1958) é considerado por muitos autores o fundador do movimento behaviorista (e.g., Bergmann, 1956; Buckley, 1989; Todd & Morris, 1986) e sua importância para a história da psicologia é amplamente reconhecida. O documento comumente indicado como o marco de estabelecimento do behaviorismo é um artigo que ficou conhecido como manifesto behaviorista (Watson, 1913). Nele, Watson descartou a introspecção como método científico e com isso, ele que até então tinha feito pesquisas apenas com animais não humanos, precisou demonstrar a viabilidade de uma psicologia objetiva sobre comportamento humano (Boakes, 1994; Samelson, 1994).

A aproximação de Watson de uma psicologia humana ocorreu com uma série de estudos empíricos (Lashley & Watson, 1921; Watson, 1916, 1918; Watson & Bentley, 1918; Watson & Lashley, 1913, 1920). Mas as pesquisas mais famosas e influentes do autor ocorreram no âmbito da investigação das reações emocionais de crianças, estudos esses que foram realizados na Phipps Clinic, da Johns Hopkins University (e.g., Watson, 1919; Watson & Morgan, 1917). O estudo mais famoso de Watson foi realizado em parceria com Rosalie Rayner (Watson & Rayner, 1920) e ficou conhecido como o experimento do Pequeno Albert. Rayner era psicóloga, pesquisadora, aluna de doutorado e assistente de Watson, e posteriormente tornou-se sua esposa.

O ano de 1920, no qual o estudo com o Pequeno Albert foi publicado, também foi o ano da demissão de Watson da Johns Hopkins, evento que o afastou da vida acadêmica. Ele saiu da universidade e começou a trabalhar em uma empresa da área da publicidade, chamada J. Walter Thompson (Coon, 1994; Strapasson, 2016). A repercussão de seu divórcio, também em 1920, e de sua demissão, acabou dificultando sua volta à vida acadêmica. Após a saída da Johns Hopkins, as atividades de Watson na universidade se resumiram em algumas palestras na *New School for Social Research* (Strapasson, 2016) e a orientação informal de Mary Cover Jones, em um estudo sobre eliminação de medo em crianças (Jones, 1924). Além disso, foi após sua saída da Johns Hopkins que Watson publicou grande parte de sua obra (Strapasson, 2020). Suas publicações se tornaram, principalmente, voltadas ao público leigo e tratavam de temas como o casamento (e.g., Watson, 1929a), a mulher e vida profissional (e.g., Watson, 1927a), e principalmente sobre a criação de filhos (e.g., Watson, 1927b, 1928a, 1928b, 1928c,

1929b). No fim da década de 1920, Watson, juntamente com Rosalie Rayner, publicou seu livro mais comentado e polêmico, um manual sobre criação de filhos (Watson & Watson, 1928). O *Psychological Care of Infant and Child* (Watson & Watson, 1928) se tornou famoso (e.g., Cairns, 1983; Harris, 1984) e comentado (e.g., Arlitt, 1928; Eliot, 1928; Godrie, 1928; Jastrow, 1928) nos Estados Unidos, contribuindo para a disseminação do behaviorismo nesse país.

No Brasil, o behaviorismo começou a ser discutido mais intensamente a partir da década de 1960, com a chegada de Fred Keller, sendo que a maior parte da literatura aborda o que aconteceu a partir dessa época, focando na Análise do Comportamento em específico, e não no behaviorismo de modo mais geral (e.g., Bori, 1996; Guilhardi & Madi, 1996; Kerbauy, 1996; Matos, 1998; Mejias, 1996; Todorov & Hanna, 2010; Zamignani et al., 2016). Poucos são os textos que mencionam o tratamento dado ao behaviorismo antes da década de 1960.

Exceções a esse cenário são menções ao behaviorismo, ainda que superficiais, em periódicos antigos como *A Ordem* (e.g., Montoro, 1938; Santos, 1938; Santos, 1940a). Tais textos, em geral, comparavam a teoria behaviorista de Watson com outras teorias (e.g., Acker, 1939; Montoro, 1938) ou mencionavam a teoria de Watson como uma teoria moderna da aprendizagem (e.g., Santos, 1940b).

Na literatura acadêmica algumas poucas exceções também são encontradas. Pessotti (1975), por exemplo, explora brevemente o surgimento do behaviorismo no Brasil, mencionando que isso ocorreu com Manoel Bergstrom Lourenço Filho (1887-1970) e sua transição de uma psicologia da consciência para uma psicologia do comportamento, entre 1927 e 1930. Pessotti diz que em 1931 Lourenço Filho se tornaria quase que totalmente behaviorista, utilizando os resultados dos experimentos de Pavlov e os princípios de Watson para interpretar processos e fenômenos na área da educação e aprendizagem. O autor sugere que Lourenço Filho foi uma figura importante na educação brasileira que em 1931 viria a assumir a Direção da Instrução Pública de São Paulo e que criaria cursos de aperfeiçoamento para os professores, logo após sua transição teórica na psicologia. Contudo, Pessotti (1975) não aborda em seu texto maiores detalhes sobre o behaviorismo e seu desenvolvimento no país.

Cirino, Miranda e Cruz (2013) analisaram as referências a Watson nas obras de dois autores brasileiros, a saber: Lúcio José dos Santos (1875-1944) e o já mencionado Lourenço Filho, no contexto educacional brasileiro. Inicialmente o behaviorismo de Watson no país surgiu entrelaçado a uma concepção mais geral de behaviorismo que inclui a teoria de

Thorndike e nomes importantes da reflexologia russa, como Sechenov, Bekhterev e Pavlov. Entretanto, mesmo com o importante papel de Lourenço Filho no âmbito educacional, a recepção do behaviorismo no país não foi homogênea. Lúcio Santos, por exemplo, foi um crítico importante do behaviorismo no âmbito da educação (Cirino et al., 2013).

Em conjunto, essas referências indicam que o behaviorismo clássico já vinha sendo lido e discutido antes de Keller chegar ao Brasil. Embora a maioria dos autores não cite em seus textos as obras nas quais se embasou para se referir a Watson – pois a inclusão de referências e citações era incomum nesse tipo de periódico na época – os conceitos e ideias da teoria behaviorista de Watson podem ser encontrados na literatura (e.g., Olinto, 1933; Pimentel, 1930/1932). O livro *Psychological care of infant and child*, escrito por Watson e com a assistência de Rosalie Rayner Watson (1898-1935), parece ter sido o único texto do autor traduzido para o português brasileiro no século XX, colocando-o em posição privilegiada para compreendermos a disseminação do behaviorismo no Brasil nas primeiras décadas do século passado.

Mudanças culturais paralelas são também significativas. Na mesma época a população estadunidense se abria cada vez mais às recomendações de *experts* sobre cuidados e criação de filhos. Na virada do século XIX para o século XX a quantidade desse tipo de publicação aumentou consideravelmente¹. Um dos principais motivos para isso era a preocupação com as altas taxas de mortalidade infantil, que se expressou como recomendações, à época novas, relacionadas à defesa da amamentação natural e às críticas ao uso das amas de leite e do leite materno engarrafado (Vincent, 1951).

Para além de recomendações básicas sobre higiene e alimentação, entre 1900 e 1949 surgiram e se expandiram preocupações com fatores psicológicos nas recomendações sobre criação de filhos. Vincent (1951) sugere que, dentre outros fatores, essa mudança tem relação com a diminuição proporcional de artigos de escritores médicos, e o aumento de artigos de escritores não médicos, na sua maioria psicólogos, nesse ramo editorial. O autor também sugere ter havido certa transição da preocupação com questões psicológicas do bebê para questões psicológicas da mãe. No primeiro cenário, a mãe precisava se adaptar à rotina do bebê e, no

¹ De acordo com a pesquisa realizada por Vincent (1951), o número de publicações aumentou de 39 (entre 1895 e 1899) para 69 (entre 1900 e 1904). Essa pesquisa utilizou como base de dados: “Poole's Index to Periodical Literature” (1890 – 1899); “Reader's Guide to Periodical Literature” (1900 – 1949); “The Journal of the American Medical Association” (1890 – 1948); e livros listados na University of California Library com as palavras-chave “Infant-care”

segundo, o contrário, sendo o bebê que deveria aprender a se adaptar à rotina da mãe (Vincent, 1951).

Além disso, a agitação social catalisada pela crise econômica de 1929², a disseminação do fascismo e a ameaça de uma segunda guerra mundial, contribuíram para que cientistas sociais e escritores que publicavam ao público leigo começassem a se preocupar com o aumento da violência, com o desrespeito às normas sociais e com a formação de indivíduos que pudessem contribuir com a nação, dedicados à democracia e à pacificidade. Muitos pais e mães preocupados com a criação e educação de seus filhos buscavam nos conhecimentos científicos novas formas de educá-los. Figuras como John B. Watson (e.g., Watson & Watson, 1928), Eleanor Roosevelt (e.g., Roosevelt, 1931) e Benjamin Spock (e.g., Spock, 1946) fizeram várias contribuições para o aconselhamento popular sobre educação infantil nesse período, publicando manuais e artigos em revistas populares sobre essa temática (Dennis, 1995). Foi um momento de transição na educação dos filhos, os pais passariam de uma prática educativa mais rígida e tradicional para a busca de abordagens inovadoras, com aplicação dos princípios científicos, deixando de confiar tanto em seus “instintos naturais” (Bigelow & Morris, 2001; Bronfenbrenner, 1961; Dennis, 1995; Stearns, 2004). Watson, que na década de 1920 se consolidara como um efetivo divulgador científico (Burnham, 1994), oferecia aos pais caminhos para essa mudança, pois descrevia sua teoria como científica³. Baseada nela, juntamente com Rosalie Rayner Watson, apresentou conselhos sobre cuidados e criação de filhos que continham práticas visando a alteração ambiental para mudança de comportamento (Watson & Watson, 1928).

Neste panorama, entre 1927 e 1928, John B. Watson publicou uma série de artigos sobre a criação de filhos para a revista *McCall's*, intitulados: “*Can psychology help me rear my child?*” (Watson, 1927b) e “*Are you giving your child a chance?*” (Watson, 1927c), os quais abordam o behaviorismo de um modo geral e sobre como um behaviorista estuda o desenvolvimento infantil; “*Children's fears - And how they grow*” (Watson, 1927d), que fala sobre o condicionamento e descondicionamento do medo em crianças; “*A good child just a*

² Essa crise iniciou com a “Wall Street Crash of 1929”, e culminou no que ficou conhecido como período “Great Depression”. As principais teorias sobre o início da crise nos EUA, colocam como suas principais causas a superprodução e o aumento de investimento na bolsa, devido ao crescimento da economia pós Primeira Guerra Mundial (Bernstein, 1987).

³ Watson admitia que a ciência da criação de filhos estava ainda em seu início, mas confiava fortemente nas contribuições que seu behaviorismo poderia dar a essa ciência (Watson & Watson, 1928).

little spoiled” (Watson, 1928a), abrange os perigos do cuidado e do amor materno; *“Raging youth”* (Watson, 1928b), que versa sobre condicionamento e descondicionamento da raiva e comportamentos de birra; e finalmente *“Night and daytime care of the child”* (Watson, 1928c), que contém conselhos aos pais sobre cuidados diurnos e noturnos com as crianças, como por exemplo, banho, sono, alimentação, vestuário, brincar e brinquedos, e contato social.

Mais tarde, ainda em 1928, Watson reuniu estes artigos e, então com a assistência de Rosalie Rayner Watson, publicou o *Psychological care of infant and child* (Watson & Watson, 1928). No livro, além dos artigos mencionados, que correspondem aos cinco primeiros capítulos, foram acrescentados dois novos. O sexto, com o título *“What shall I tell my child about sex?”*, sobre educação sexual; e o sétimo, intitulado *“The behaviorist’s apologia”*, o qual eles reservam para fazer um alerta de que sua proposta de criação e educação de filhos é apropriada apenas para a cultura daquela época e do seu país.

Na década de 1920 surgiram outros manuais como o *Psychological Care* nos Estados Unidos (e.g., Fenton, 1925; Groves & Groves, 1924) com o intuito de fornecer respostas às preocupações dos pais sobre educação infantil. As propostas de Watson e Watson, juntamente com esses outros manuais, passaram a ocupar lugar importante nos lares estadunidenses (Bronfenbrenner, 1961; Dennis, 1995; Stearns, 2004).

Embora o *Psychological Care* (Watson & Watson, 1928) tenha se tornado famoso (e.g., Cairns, 1983; Harris, 1984), sua recepção nos Estados Unidos não foi isenta de controvérsias. Em sua autobiografia, o próprio Watson disse lamentar não ter, à época, conhecimento suficiente para escrevê-lo como gostaria⁴. Nas palavras de Watson:

“Psychological Care of Infant and Child” foi outro livro do qual lamento - não por causa de sua forma rudimentar, mas porque não sabia o suficiente para escrever o livro que queria escrever. (Watson, 1936, p. 280)

A outra autora do livro, Rosalie Rayner Watson, expressou suas próprias reservas em relação ao modo behaviorista de criar filhos. Ainda que não tenha mencionado diretamente esse manual de criação de filhos, em entrevista para a revista *Parent’s Magazine* (R. R. Watson, 1930) Rosalie admitiu burlar algumas recomendações contidas nele enquanto criava seus

⁴ Os estudos empíricos de Watson (e.g., Watson & Rayner, 1920) davam algum suporte para suas afirmações sobre o condicionamento de medo, e os estudos posteriores de uma de suas alunas demonstrou formas de “descondicionar” medos adquiridos (e.g., Jones, 1924), mas ele nunca conseguiu desenvolver ou supervisionar estudos sobre as outras emoções previstas no seu sistema teórico (raiva e amor), bem como não desenvolveu fundamentos empíricos para as demais prescrições contidas no livro (ver também p. 66 e p. 112 do *Psychological Care*).

próprios filhos, chegando a se referir a si mesma como “a pior das behavioristas” (p. 67), sintetizando sua posição tardia com a frase “em alguns aspectos, curvo-me à grande sabedoria da ciência do behaviorismo e, em outros, sou rebelde” (p. 67).

As resenhas publicadas sobre o livro não foram, em geral, muito favoráveis. Jastrow (1928), por exemplo, criticou Watson por recorrer ao “apelo popular”, quando começou a publicar em revistas direcionadas ao público leigo sobre esse tema. Esse “apelo público” teria permanecido na adaptação dos textos ao livro e isso era mal visto na academia. Goodrie (1928) criticou a falta de clareza de Watson e Watson, ao abordarem algumas temáticas, como o condicionamento do amor, e também assinalou a falta de evidências científicas no trabalho dos Watson. Arlitt (1928) classificou os capítulos que tratam das emoções como controversos, criticando também as propostas sobre amor materno, e que orientam a ausência de afeto entre pais e filhos. Eliot (1928) disse que o ponto de vista apresentado no livro era extremo e difícil de aceitar. Apesar das várias críticas recebidas, a visão inovadora e polêmica de Watson e Watson, focada nas mudanças no ambiente da criança, trouxe uma alternativa aos pais, que encontravam-se em um dilema entre castigo físico e permissividade (Bronfenbrenner, 1961; Dennis, 1995; Stearns, 2004).

Contextos e implicações adicionais da publicação do *Psychological Care* nos EUA foram explorados alhures (e.g., Bigelow & Morris, 2001; Harris, 1984; Strapasson, 2008), mas pouco se sabe sobre a entrada desse livro no Brasil. Essa lacuna torna-se especialmente relevante quando se constata que a primeira tradução brasileira do *Psychological Care* para o português brasileiro ocorreu na primeira metade da década de 1930 (Watson & Watson 1934), sendo esse, portanto, provavelmente o primeiro livro de behaviorismo a ser publicado no país. O presente artigo tem como objetivo analisar historicamente o surgimento da tradução do *Psychological Care of Infant and Child* (Watson & Watson, 1928) para o português brasileiro.

2.1 MANUAIS DE PUERICULTURA NO BRASIL

No Brasil, os primeiros manuais de puericultura surgiram antes da própria pediatria. Data de 1790 a publicação do primeiro manual direcionado à educação de crianças, com o título *Tratado da Educação Física dos Meninos*⁵ (Franco, 1790), escrito por Francisco de Mello Franco. Mas só em 1882 surgiu o primeiro curso livre de pediatria, na Policlínica Geral do Rio

⁵ J. M. Rocha (1947b) cita Francisco de Mello Franco como primeiro puericultor brasileiro, embora dedicasse seu manual de puericultura (Franco, 1790) ao “uso da nação portuguesa”, pois o Brasil ainda era colônia de Portugal.

de Janeiro, criado por Carlos Arthur Moncorvo de Figueiredo. Em 1883, também por apelo dele ao Governo Imperial, surgiu a primeira cadeira de Clínica Médica e Cirúrgica de Crianças, nesta mesma instituição (J. M. Rocha, 1947b; Magalhães, 2011; SantAnna, 2009). Contudo, foi no início do século XX que a publicação de manuais de puericultura (e.g., Almeida Junior & Mursa, 1927; M. Rocha, 1937; Moncorvo Filho, 1918) ampliaram significativamente e alcançaram grande divulgação (Ferreira & Freire, 2005; Freire, 2008; Lima, 2013; Martins, 2008). De modo similar aos Estados Unidos, no Brasil o desenvolvimento dos manuais de criação de filhos também esteve relacionado aos altos índices de mortalidade infantil, devido especialmente à precariedade do saneamento básico e higiene (Freire, 2008; Lima, 2013; Martins, 2008). Além disso, contribuíram para o florescimento desse gênero literário fatores como a mudança do papel da mulher na sociedade (Ferreira & Freire, 2005; Freire, 2008; Lima, 2013) e a rejeição às tradições culturais, com a seleção da ciência como principal referencial (Freire, 2008; Lima 2013).

No início do século XX a taxa de mortalidade infantil no Brasil era preocupante. Na década de 1930 essa taxa era de 16,8% em crianças até um ano de idade (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 1999). Ainda que já fosse perceptível uma melhora na situação, tal avanço foi atribuído a medidas sanitárias que começaram a ser implantadas principalmente nos grandes centros urbanos (Carneiro, 2000; IBGE, 1999; Singer, Campos & Oliveira, 1981). Inadequações das condições sanitárias concretas eram colocada lado a lado com a negligência dos pais, em especial com os filhos nascidos fora do casamento, além da falta de educação física, moral e intelectual das mães, de modo que tais problemas precisavam ser superados (Costa, 1989; Lima, 2008). Esse cenário trouxe para os médicos de família, pediatras e puericultores da época, grande preocupação em instruir as famílias, principalmente as mães, exigindo uma mudança delas em seu papel na sociedade (Freire, 2008; Magalhães, 2011; Pereira, 2006).

O debate sobre o papel da mulher brasileira tornou-se intenso no início do século XX, principalmente no que se refere a função maternal. Essa função passou a ocupar um lugar importante para a nação, uma vez que as mulheres não tinham mais somente a função de dar filhos ao marido, mas sim de gerar cidadãos para a nação brasileira (Freire, 2008, 2011). O alto índice de mortalidade infantil no Brasil gerava preocupação com o futuro do país, que tinha recentemente passado por uma transição da Monarquia para a República, e lutava pelo seu desenvolvimento (Ferreira & Freire, 2005; Freire, 2008, 2011). Os médicos manifestavam o intuito de enfrentar esse problema por meio do higienismo e da educação às mães (Costa, 1989;

Ferreira & Freire, 2005; Freire, 2008). O discurso dos médicos puericultores, que defendiam a higienização da infância, girava em torno da condenação do exercício tradicional da maternidade, defendendo preceitos científicos para a educação das crianças, o que trouxe um modelo inédito de maternidade a ser seguido no país, a “maternidade científica”, exigindo uma nova forma de agir da mulher, que esta se tornasse uma “mãe moderna” (Costa, 1989; Freire, 2008, 2014; Lima, 2013).

Juntamente com o surgimento da “mãe moderna”, com a importância dos conhecimentos científicos como aliados na criação dos filhos, veio a rejeição às tradições culturais. Havia um esforço na eliminação de qualquer vestígio do “atraso do passado”, da tradição, ou da cultura colonial, ao mesmo tempo em que se buscavam novas formas de agir e pensar baseadas na modernidade (Costa, 1989; Freire, 2008, 2009, 2014; Lima, 2013). Mães deveriam deixar de lado as crenças e conselhos de comadres e vizinhas, e as práticas das amas de leite (Costa, 1989; Freire, 2006, 2008, 2014; Lima, 2008; Magalhães, 2011; Pereira, 2006). M. Rocha (1937, p. 12), por exemplo, alertava as mães a seguirem apenas os conselhos do médico: “escolhido o medico de seu filho, executem com pertinacia suas ordens; não se moldem ás objecções de vizinhas bem intencionadas” [sic]. Além disso, M. Rocha criticava as mães que não queriam amamentar seu bebê e que recorriam às amas de leite, as chamadas “mães pretas”, e defendia que “a mãe é a melhor ama de leite de seu próprio bebê” (M. Rocha, 1937, p. 26). Os médicos publicavam orientações como essas em revistas femininas (e.g., Revista feminina, 1917; Wittrock, 1926), além de publicarem manuais e guias independentes sobre essa temática (e.g., Almeida Junior & Mursa, 1927; M. Rocha, 1937; Moncorvo Filho, 1918)⁶.

A partir do final da década de 1920, os jornais e revistas começaram a publicar artigos sobre práticas educativas e aspectos psicológicos das crianças. Jornais da época abordavam o tema, nomeando como “psychologia infantil” (e.g., Velloso, 1921; Lachmund, 1926) ou “psychologia da criança” (Jornal do Brasil, 1926). Mais tarde, obras internacionais com enfoque em orientações a questões psicológicas também foram traduzidas para o português brasileiro, como, *Introdução a técnica da analyse infantil* (1934) de Anna Freud; *O médico e*

⁶ A crítica ao recurso às amas de leite, típicas apenas em famílias abastadas, e a preocupação da disseminação desse tipo de proposta em veículos impressos em uma nação pouco alfabetizada ressalta o viés de classe embutido nessas prescrições, típico do movimento higienista. Tornar-se uma mãe moderna poderia ser, entre outras coisas, uma forma de se diferenciar das “crendices” das mães não educadas.

a educação da criança, erros de disciplina e educação (1934) de Adalbert Czerny; e o *Psychological Care*, de Watson e Watson (1934 e 1941).

Além dessas publicações em revistas e de traduções de livros estrangeiros sobre o tema, a partir da década de 1940, a preocupação com a saúde psicológica infantil e a formação do caráter das crianças também começou a ser difundida em manuais de puericultura nacionais (e.g., Andrade Filho, 1947, 1954; J. M. Rocha, 1947a; Telles, 1946). No manual intitulado “... e agora mamãe? Cartas sobre a criação do bebê” (1946), Walter Telles escreveu sobre assuntos como cuidados com a saúde física, alimentação, banho e sono, mas também reservou algumas páginas para falar sobre assuntos como personalidade infantil, educação e formação de bons hábitos. Outro exemplo é o manual do médico Odilon de Andrade Filho, com o título “Prepara teu filho para a vida: Educação psicológica da criança” (1947, 1954), no qual o autor reserva uma seção inteira para falar sobre hábitos emocionais, com temas como medo, ciúme e cólera; recondicionamento do medo; excesso de carinhos e cuidados; e sexo e educação sexual.

2.2 A TRADUÇÃO DO *PSYCHOLOGICAL CARE* PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO

O período de 1930 a 1947 é considerado a “Idade de Ouro” da tradução no Brasil (Wylar, 2003). De acordo com Paixão (1997) e Hallewell (2017), várias características marcaram o período da evolução da produção de livros no país. O Brasil perpassava por um momento político e econômico delicado. Em 1930 o presidente Washington Luiz foi deposto pelos militares e Getúlio Vargas, então líder de um movimento armado da oposição, assumiu a presidência provisoriamente no país (Skidmore, 2007). No período do Governo Vargas, desencadeado pela chamada Revolução de 30, o setor livreiro nacional passou por grande expansão e foi marcado pela censura. A censura no Brasil já existia desde a queda do Império, e foi fomentada no governo de Artur Bernardes (1922-1926). A Revolução de 30, que prometia acabar com a censura, na verdade fortaleceu-a (Hallewell, 2017). Ordens de censura foram distribuídas a todos os jornais do país nos anos 30, intensificadas em 1931 com o surgimento de Departamento Oficial de Propaganda que, mais tarde, em 1934, seria reorganizado como Departamento Nacional de Propaganda e Difusão Cultural - tal Departamento ainda seria substituído em 1939 pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), encarregado de controlar a produção cultural no país, censurando livros e artigos, e perseguindo diversos escritores (Paixão, 1997). Nesse período, muitas editoras (e.g., Editora Globo e José Olympio)

e escritores (e.g., Monteiro Lobato e Érico Veríssimo) investiram em traduções e publicações de livros infantis, pois se tornaram alternativas para complementar a renda e manter o vínculo com os leitores e editores, esquivando da censura pelos órgãos do governo, encarregados de manter a ordem política e social no país (Wyler, 2003).

A economia brasileira nesse mesmo período passou por uma crise, influenciada pela queda da bolsa de valores de New York (“A crise de 1929”), o que impactou a principal fonte de exportações do país: o café. Essa crise econômica afetou a moeda nacional da época (mil-reis), desvalorizando-a em relação a moeda de outros países, como a França. Com isso, a importação, inclusive de livros, tornou-se cara, o que afetou principalmente a importação de livros franceses, que caiu 68,8% entre 1928 e 1932 (Hallewell, 2017). Esses eventos incentivaram o comércio dos livros produzidos no Brasil, que se tornaram mais baratos que os importados. Tal competitividade de valores com produtos do exterior favoreceu também a publicação de traduções no país, já que era mais barato traduzir do que importar os livros de outras nacionalidades (Hallewell, 2017; Paixão, 1997). Esses fatores contribuíram para que o número de títulos e exemplares publicados no Brasil (incluindo as traduções) quadruplicasse entre 1930 e 1950 (Paixão, 1997).

Pela primeira vez, a venda de livros nacionais e traduzidos tornou-se competitiva nacionalmente, culminando na expansão do setor livreiro. Algumas editoras aproveitaram essa oportunidade e investiram na procura de novos títulos que pudessem agradar ao público nacional. Érico Veríssimo, após ter publicado seu primeiro conto em 1928 na Revista do Globo, foi convidado para trabalhar para essa mesma revista (Hallewell, 2017; Smith, 2013). Sua principal função era buscar em jornais e revistas dos Estados Unidos (e outros países) conteúdos que pudessem interessar o público da revista e então traduzi-los para o português (Smith, 2013). Além disso Henrique Bertaso da editora Globo⁷, também começou a buscar na *Publishers Weekly*⁸ estadunidense, títulos que pudessem se tornar *best sellers* no Brasil. Como consequência, a maior parte dos primeiros sucessos da Editora Globo vieram do interesse que

⁷ De acordo com Hallewell (2017), o fato de a venda de livros nacionais e traduzidos ter-se tornado competitiva trouxe uma grande oportunidade para uma editora nacional de ficção traduzida, a qual foi aproveitada pela Editora Globo, que logo foi seguida de outras editoras, como a Athena Editora, sendo que a Editora Globo foi pioneira na tradução de romances policiais, comuns entre ingleses e americanos.

⁸ O *Publishers Weekly* é uma revista estadunidense de notícias comerciais semanais, ela é direcionada principalmente para editores, bibliotecários, livreiros e agentes literários, e publica continuamente desde 1872 (Publishers Weekly, 2020).

ingleses e estadunidenses tinham por histórias policiais, que foram traduzidas para o português e destinados à Coleção Amarela, que surgiu em 1931 (Hallewell, 2017). Ainda, filmes de Hollywood deram nomes a vários livros publicados no Brasil entre as décadas de 1930 e 1940 (Hallewell, 2017). Esses, entre outros fatores, corroboram o declínio da influência cultural francesa no Brasil, e o fortalecimento da influência estadunidense (Hallewell, 2017; Wyller, 2003).

É nesse período que o *Psychological Care* chegou ao Brasil. O livro dos Watson foi traduzido para a língua portuguesa por Mary Braxton Lee⁹ e publicado por duas editoras diferentes (Watson, 1941; Watson & Watson, 1934), sendo amplamente divulgado nos periódicos nacionais da época (e.g., A Ordem, 1941; Correio da Manhã, 1934). Teve sua primeira edição publicada pela editora Marisa em 1934, no Rio de Janeiro, com o título “Educação Psychologica da Primeira Infância”. À época, o editor da Editora Marisa, em uma reportagem para o jornal *Correio da Manhã* do Rio de Janeiro, disse que estava investindo em programas de publicações sobre instrução técnica e especializada, e que havia incumbido à José Martinho da Rocha e a Euryalo Cannabrava a organização de uma coleção de obras científicas sobre pedagogia, psicologia e psicanálise com a tradução de várias obras nessas temáticas, e que em um desses programas, se destacava a publicação da tradução do *Psychological Care* (Correio da Manhã, 1934). Ambas as traduções brasileiras do *Psychological Care* foram revisadas e prefaciadas por José Martinho da Rocha, médico puericultor e que posteriormente escreveria seu próprio manual de puericultura (J. M. Rocha, 1947a) que, por sua vez, também teve ampla divulgação na época de sua publicação (e.g., A Gazeta da Pharmacia, 1948; Rezende, 1948; Vida Doméstica, 1947)

A segunda edição foi publicada em 1941 pela editora Emiel, também no Rio de Janeiro. Essa edição teve a grafia do título alterada para “Educação Psicológica da Primeira Infância”. As duas edições diferem principalmente em aspectos ortográficos e na precisão de informações sobre o livro que serão especificadas adiante.

No início do século XX, o Brasil enfrentou vários embates na ortografia da língua nacional e passou por algumas tentativas de unificação para todos os países de língua

⁹ Mary Braxton Lee além de traduzir o *Psychological Care*, escreveu também um manual de puericultura intitulado “Aprendi com meus filhos”, publicado em 1943, o qual foi editado pela Nestlé. Além disso, o prefácio foi escrito pelos Drs. Olinto de Oliveira e José Martinho da Rocha (Brazil Médico, 1943). Infelizmente, não foi possível acesso ao livro e não foram encontradas informações adicionais sobre a autora.

portuguesa (Cunha, 2009). As duas traduções do *Psychological Care* (Watson, 1941; Watson & Watson, 1934) foram publicadas nesse contexto de mudanças, o que parece ter contribuído para a diferença de escrita entre as edições.

Em 1931 (Decreto nº 20.108), Brasil e Portugal assinaram um acordo unificando a ortografia da língua portuguesa, o qual foi oficializado em 1933. Mas em 1934 o acordo foi revogado pela nova Constituição Brasileira estabelecida naquele ano, a qual determinava a volta para a ortografia de 1891 (Poletti, 2012). Em 1938 um novo decreto (Decreto Lei nº 292) é emitido por Getúlio Vargas, que orientava o retorno à ortografia de 1931 (Decreto nº 20.108). Esses conflitos sobre qual a ortografia deveria ser utilizada parece ter contribuído para que a primeira edição do *Psychological Care* (Watson & Watson, 1934) fosse escrita com ortografia similar à utilizada em 1891 e 1934 (com o emprego de consoantes geminadas¹⁰, as letras *k*, *w* e *y* e com o uso do *h* mudo mediano¹¹, por exemplo) e que a segunda edição (Watson, 1941) fosse escrita utilizando ortografia similar às regras ortográficas de 1931, mais próxima do português brasileiro contemporâneo.

Além das diferenças relativas às mudanças ortográficas, divergências nas informações presentes no livro original e nas traduções podem ser encontradas entre as duas edições. Na segunda edição (Watson, 1941), por exemplo, não consta o nome de Rosalie Rayner Watson como colaboradora de Watson. Na versão original em inglês (Watson & Watson, 1928), logo abaixo do nome de Watson consta a informação de que ele era professor da Johns Hopkins University, e também o autor de *Behaviorism*. Na primeira edição das traduções (Watson & Watson, 1934), consta apenas a informação sobre ele ser professor na Universidade Johns Hopkins, e na segunda edição (Watson, 1941) não consta nenhuma informação. O nome da tradutora também aparece diferente nas traduções. Na primeira edição o nome está no feminino, como Mary Braxton Lee, e na segunda edição, o nome está no masculino, como Mário Braxton Lee¹². Na primeira edição consta informação sobre o Dr. José Martinho da Rocha que fez a introdução do livro, apontando-o como Docente de clínica pediátrica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, na segunda edição não consta nenhuma informação sobre ele.

¹⁰ Consoantes geminadas são letras duplicadas. Um exemplo citado no Decreto Brasileiro nº 20.108, é a palavra *sábado*, a qual antes escrevia-se *sabbado*. (Decreto nº 20.108).

¹¹ Um exemplo disso é a palavra *ortografia*, que passou a ser escrita *orthographia* (Poletti, 2012).

¹² No prefácio de ambas as edições, J. M. Rocha referencia a tradutora com o nome no feminino, o que sugere que o nome masculino da segunda edição está errado.

2.3 VICISSITUDES DA TRADUÇÃO

A tradução de um texto para outro idioma envolve uma série de desafios e escolhas difíceis a serem feitas pelo tradutor e o caso do *Psychological Care* não é exceção. Algumas características dessa tradução merecem menção. Um primeiro aspecto se refere a ausências ou omissões da versão traduzida. A título de exemplo, algumas indicações práticas sobre como desenvolver independência nas crianças (e.g., “When the child can crawl, give it a sandpile and be sure to dig some small holes in the yard, so it has to crawl in and out of them. Let it learn to overcome difficulties almost from the moment of birth”, Watson & Watson, 1928, p. 84), bem como sobre alimentação, sono, o brincar e os brinquedos (p. 14, 121, 144, respectivamente) ausentes nas traduções. Exclusões incluem ainda ênfases nas críticas sobre como as mães criam seus filhos sem preparo científico (p. 3-4), um subtítulo (“Why we make these tests”, p. 35) e uma crítica aos pais que não falam sobre sexualidade com seus filhos (p. 174).

Um segundo ponto importante se relaciona à tradução de termos técnicos, ou específicos da psicologia ou da teoria behaviorista de Watson. Um exemplo está na tradução do trecho: “After being *negatively conditioned* to the radiators, the mere sight of a radiator causes the child to move his hand away.” (Watson & Watson, 1928, p. 56, itálico acrescentado). Na versão em português a tradutora apresenta a expressão destacada como “predisposta negativamente” (Watson, 1941, p. 40; Watson & Watson, 1934, p. 61), alterando o sentido original. Problemas similares ocorrem com os conceitos de “*punishment*” (p. 56, 63, 64, 128, 180), traduzido como “castigo”, “tortura” e “sofrimento”; “*conditioned love reaction*” (p. 74 e 75), traduzido como “reação amorosa” e “*conditioned response*” (p. 97, 115 e 128), apresentado na tradução como “reação” (Watson & Watson, 1928). Em um trecho no qual Watson discute o condicionamento de respostas de amor e identifica quais os estímulos são eficazes para produzir esse tipo de resposta, ele diz:

Nurses and mothers have learned this method of quieting an infant by the *trial and error process*. She is starved up, pat it, soothe it, kiss it, rock it, walk with it, dandle it on the knee, and the like. (Watson & Watson, 1928, p. 71, itálico acrescentado).

Nas traduções desse trecho, a expressão destacada é traduzida como “processo nocivo” (Watson, 1941, p. 51; Watson & Watson, 1934, p. 73). Ao substituir a expressão “*trial and error process*” por “processo nocivo”, a tradutora insere uma conotação negativa aos comportamentos descritos por Watson e Watson no texto, mudando o sentido do texto original.

A terminologia técnica do texto é importante pois o tratamento inadequado ou desconhecimento do conteúdo especializado pode prejudicar a transmissão de informações técnicas importantes (Liparini, Lepnitz & Braga, 2017). No caso do texto em análise, essa divergência pode ter sido prejudicial para a interpretação da teoria na língua-alvo, visto que o autor usa terminologia específica para explicar fenômenos relativos à aprendizagem de certos comportamentos a luz de sua teoria. O texto traduzido indica que a tradutora possivelmente desconhecia ou tinha conhecimento insuficiente da terminologia especializada, incluindo erros frequentes em relação a terminologia específica da teoria behaviorista de Watson.

Outra divergência observada em relação aos termos técnicos, foi o uso de terminologias do campo psicanalítico. No trecho a seguir, por exemplo, o qual aparece no texto, logo após os autores indicarem que é difícil para as mães perceberem que elas são as principais responsáveis pelo resultado da criação de seus filhos, ele diz: “when she first faces this thought, she shies away from it as being too horrible” (Watson & Watson, 1928, p. 15). Nas versões traduzidas, a expressão “she shies away from it” foi traduzida como “recálca-os” (Watson, p. 24, 1941; Watson & Watson, p. 25, 1934). Essa característica aparece novamente na página 80 da versão original em inglês, em outro trecho: “her mother before her has trained her to give and receive love. She is starved for love – affection, as she prefers to call it. It is at bottom a *sex-seeking response* in her” (Watson & Watson, 1928, p. 80, *itálico acrescentado*). Nas traduções, a expressão destacada foi traduzida como “recalque sexual” (Watson, p. 57, 1941; Watson & Watson, 1928, p.79). É interessante notar que, no prefácio das traduções, J. M. Rocha elenca algumas críticas à teoria behaviorista de Watson que podem ajudar a explicar a presença de termos psicanalíticos. Entre elas estão o questionamento de se o behaviorismo de fato pode ser considerado como psicologia (p. 12) e um alerta para eventuais exageros presentes nas propostas apresentados no livro. Além disso, durante seus comentários em notas de rodapé ao longo da tradução (Watson, 1941; Watson & Watson, 1928), J. M. Rocha cita Freud diversas vezes, ora utilizando das ideias de Freud para explicar algumas questões abordadas por Watson e Watson (e.g., ao utilizar várias referências de Freud sobre sexualidade infantil, p. 123), ora para comparar as ideias de Watson e Watson com as ideias de Freud (e.g., ao contrapor as ideias de Watson e Watson e Freud sobre onanismo e masturbação, p. 96).

Ainda sobre a divergência de termos técnicos, há expressões que remetem ao mentalismo nas traduções. Watson e Watson tentam explicar qual o objetivo dos behavioristas, quando eles dizem: “his task is to try to get the mother to take a new view of what constitutes the care of an infant of her responsibility for her experiment in child-hearing.” (Watson &

Watson, 1928, p. 6). A tradutora apresenta esse trecho como: “seu fim é inculcar no espírito das mães o novo ponto de vista sobre cuidados infantis e a sua responsabilidade materna” (Watson, 1941, p. 17; Watson & Watson, 1934, p. 16). A expressão que consta na tradução dificilmente seria usada pelo casal Watson, ela pode ser entendida como pressupondo a existência de um espírito, algo veementemente negado por Watson em diferentes ocasiões (Strapasson, 2016)

Outros problemas, não relacionados à terminologia técnica, também são frequentes. Por exemplo, ao traduzir a frase “Since the behaviourists find little that corresponds to instincts in children” (Watson & Watson, 1928, p. 7), a tradutora usa a expressão “nada consideram” no lugar de “find little”. Exemplos análogos ocorrem com a expressão “but in spite of all prejudice” (p. 16), que se refere ao preconceito sobre o behaviorismo, e que foi traduzido como “vencido este [preconceito]”; “modes of behaviour” (p. 39), traduzido como “costumes e pensamentos”; com o subtítulo “But how do parents build in fears?” (p. 45), que nas traduções aparece como “Como se provoca o medo?”; “natural” (p. 47), traduzido como “instintivo”; “there is good evidence” (p. 53) que nas traduções aparece como “prova evidente”; e outros problemas menores (ver p. 6, 125 e 171 do original).

Aspectos adicionais sobre a tradução são o acréscimo e a exclusão de ênfases em alguns trechos (usando o itálico ou uso de aspas). O trecho a seguir, no qual Watson e Watson falam sobre instintos, exemplifica as duas situações:

How about its loves – its affectionate behaviour? Isn't that “**natural**”? Do you mean to say the child doesn't “**instinctively**” love its mother? Only one thing will bring out a love response in the child - stroking and touching its skin, lips, sex organs, and the like. It doesn't matter at first who strokes it. It will “**love**” the stroker. (Watson & Watson, 1928, p. 43, negrito acrescentado).

Nas traduções o trecho aparece da seguinte forma:

Que dizer sobre as amizades e o comportamento sentimental das crianças? Serão *espontâneos*? Querirão insinuar que o amor dos pais não é instintivo? Um facto apenas provocará reciprocidade affectiva na criança – isto é, o contacto da pelle, dos lábios, ou dos órgãos genitais. Não importa quem os toca. Ella amará aquelle que os tocar. [sic] (Watson & Watson, 1934, p. 33; ver tb. Watson, 1941, p. 31).

O mesmo problema se repete em diversas ocasiões (ver p. 8, 14, 15, 37, 38, 44, 53, 95 e 97 do original).

Ainda que não pareça haver função clara ou um padrão nos problemas de tradução, quando tomados em conjunto, eles constituem distorções numerosas das proposições contidas

no original. É possível que as diferenças identificadas sejam apenas uma tentativa de adequar o texto ao público-alvo das traduções: pais da década de 1930. Ainda assim, as mudanças distorcem e minimizam aspectos teóricos relevantes do behaviorismo watsoniano. O resultado final parece ser um manual de criação de filhos menos behaviorista que o original.

2.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O exposto até então mostra uma similaridade no contexto estadunidense com o contexto brasileiro no momento do recebimento da proposta de educação infantil de Watson. Ambos os contextos sugerem empenho no combate à mortalidade infantil (Freire, 2008; Lima, 2013; Martins, 2008; Vincent, 1951), relacionado com uma preocupação com a saúde física do bebê, principalmente com a alimentação e o uso de amas de leite (Costa, 1989; Freire, 2006, 2008, 2014; Lima, 2008; Magalhães, 2011; Pereira, 2006; Vincent, 1951). Para diversos autores, a partir desses problemas em relação a criação das crianças, surgiu a necessidade de educar uma população - estudantes de medicina, clínicos e os leitores em geral, principalmente as mães (ou ao menos as mães de famílias ricas) – que deveriam utilizar o conhecimento preconizado pela ciência, relativos aos cuidados infantis (e.g., Costa, 1989; Freire, 2006, 2008, 2014; Lima, 2008; Magalhães, 2011; Martins, 2008; 2013; Pereira, 2006; Vincent, 1951).

Além disso, houve indícios de transição entre as preocupações com a saúde física do bebê para a preocupação com a saúde psicológica. Nos EUA, havia também a transição da preocupação com a saúde psicológica do bebê para a preocupação com a saúde psicológica da mãe, e então passando para uma preocupação com a educação infantil (Vincent, 1951). No Brasil, havia a preocupação com aspectos psicológicos voltados principalmente para a “formação do caráter” e para questões educativas das crianças (Lima, 2013). Em ambos os países, tratava-se de um contexto que perpassava conflitos políticos e econômicos. Nos EUA, era um momento de crise econômica com uma possível ameaça de implantação do fascismo, após a queda da bolsa de New York (Dennis, 1995). O Brasil, afetado pelas decorrências da crise estadunidense de 1929 (assim como muitos outros países), teve sua exportação comprometida, além de passar por um período político intenso, que culminou na Revolução de 30, com Vargas no poder, seguida de uma ditadura militar (Hallewell, 2017).

Outro aspecto importante para analisar o contexto da publicação do *Psychological Care* no Brasil é relativo às traduções e o papel delas nesse período em que o livro dos Watson foi traduzido. Com todas essas questões políticas e econômicas, tornou-se vantajoso para os editores brasileiros começar a publicar traduções, pois além da questão econômica que fez com

que tornasse mais barato publicar no Brasil que importar livros, tinha também o impacto político, por exemplo, a censura, decorrente da nova forma de governo imposta por Vargas, que impactou a publicação de originais nacionais (Hallewell, 2017; Paixão, 1997).

Nesse contexto do desenvolvimento de demandas culturais por livros de educação psicológica de filhos e do grande investimento do mercado editorial nacional em traduções, surge uma oportunidade de disseminação e consolidação do behaviorismo no Brasil: a publicação em português brasileiro do mesmo livro que ajudou a popularizar o behaviorismo entre o público leigo nos EUA. Problemas na tradução e eventuais avaliações críticas do autor do prefácio e notas da tradução, entretanto, parecem ter entregado um livro menos behaviorista que seu original. Assim, ainda que a publicação dessa tradução tenha ganho certa visibilidade (e.g., *A Ordem*, 1941; *Correio da Manhã*, 1934) e que uma segunda edição tenha interessado ao mercado editorial, o potencial do livro em ajudar o behaviorismo a se consolidar no país parece ter sido comprometido em alguma medida. A ausência de traduções dos livros mais teóricos de Watson ou de outros autores behavioristas na primeira metade do século XX e as características da tradução desse único livro disponível em português, ajudam a compreender as referências apenas esparsas ao behaviorismo no Brasil antes da chegada de F. S. Keller representada na literatura histórica sobre o behaviorismo no Brasil.

REFERÊNCIAS

- Acker, L. V. (1939). Filosofia e política panamericana. *A Ordem*, 103(2), 548-559.
- Almeida Junior, A. & Mursa, M. (1927) *Noções de puericultura para as mães e para as escolas*. São Paulo, SP: Instituto D. Anna Rosa.
- Andrade Filho, O. (1947). *Prepara teu filho para a vida: Educação psicológica da criança*. São Paulo, SP: Livraria José Olímpio Editora.
- Andrade Filho, O. (1954). *Prepara teu filho para a vida: Educação psicológica da criança*. (2a ed.). São Paulo, SP: Civilização Brasileira.
- Arlitt, A. H. (1928). The behaviorist writes on child care. *Childhood Education*, 5(2), 112-112.
- Bergmann, G. (1956). The contribution of John B. Watson. *Psychological Review*, 63(4), 265–276. <https://doi.org/10.1037/h0049200>
- Bernstein, M. A. (1987). *The great depression delayed recovery and economic change in America, 1929–1939*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Biblioteca do farmacêutico [Editorial]. (1948, maio). *A Gazeta da Pharmacia*, 193(1), 10.
- Bigelow, K. M. & Morris, E. K. (2001) John B. Watson's advice on child rearing. *Behavioral Development Bulletin*, 1, 26-30. <http://dx.doi.org/10.1037/h0100479>
- Boakes, R. (1994). John B. Watson's early scientific career: 1903-1913. In: J. T. Todd & E. K. Morris (Eds.), *Modern perspectives on John B. Watson and Classical Behaviorism* (pp. 145-150). Westport: Greenwood Press.
- Bori, C. M. (1996) Chapters in the life of Fred S. Keller. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 12(3), 189-190.
- Bibliografia [Editorial]. (1943, julho). *Brazil Médico*, 27(28), 299-300.
- Bronfenbrenner, U. (1961). The changing American child — A speculative analysis. *Journal of Social Issues*, 17(1), 6-18. <https://doi.org/10.1037/11302-032>
- Buckley, K. W. (1989). *Mechanical man: John Broadus Watson and the beginnings of behaviorism*. New York: The Guilford Press.
- Burnham, J. C. (1994). John B. Watson: Interviewee, professional figure, symbol. In J. T. Todd & E. K. Morris (Eds.), *Modern perspectives on John B. Watson and Classical Behaviorism* (pp. 65-75). Westport: Greenwood Press.

Cairns, R. B. (1983). The emergence of developmental psychology. In P. H. Mussen (Series Ed.), *Handbook of child psychology: History, theory, and methods* (p. 41-102). New York, NY: Wiley.

Carneiro, G. (2000). *Um compromisso com a esperança: História da Sociedade Brasileira de Pediatria – 1910-2000*. Rio de Janeiro, RJ: Expressão e Cultura.

Cirino, S. D., Miranda, R. L., & Cruz, R. N. da. (2013). Disseminating behaviorism: The impact of J. B. Watson's ideas on Brazilian educators. *Mexican Journal of Behavior Analysis*, 39(2), 119-134.

Coon, D. J. (1994). "Not a Creature of Reason": The alleged impact of Watsonian behaviorism on advertising in the 1920s. In: J. T. Todd & E. K. Morris (Eds.), *Modern perspectives on John B. Watson and Classical Behaviorism* (pp. 37-66). Westport: Greenwood Press.

Costa, J. F. (1989). *Ordem médica e norma familiar* (3a ed.). Rio de Janeiro: Graal.

Cunha, R. (2009). Embates e acordos na história das reformas ortográficas. *Revista Ciência e Cultura*, 61(2), 6-8.

Czerny, A. (1934). *O médico como educador: Erros de disciplina e educação*. (J. M. Rocha & M. Rocha Junior, trads.). Rio de Janeiro, RJ: Companhia Nacional de Artes Gráficas (Trabalho original publicado em 1927).

Dennis, P. M. (1995). Between Watson and Spock: Eleanor Roosevelt's advice on child-rearing from 1928 to 1962. *Journal of American Culture*, 18(1), 41-50.

Decreto nº 20.108 de 15 de junho de 1931 (1931, 28 junho). Dispõe sobre o uso da orthografia simplificada do idioma nacional nas repartições públicas e nos estabelecimentos de ensino. *Diário Oficial da União*, Rio de Janeiro.

Decreto - Lei nº 292 de 23 de fevereiro de 1938 (1938, 28 fevereiro). Regula o uso da ortografia nacional. *Diário Oficial da União*, Rio de Janeiro.

"Educação psychologica da primeira infância" por John B. Watson [Editorial]. (1934, 8 de maio). *Correio da manhã*, 12099, 8.

"Educação psicológica da primeira infância" por John B. Watson [Editorial]. (1941). *A Ordem*, 122, 126, 604.

Educar as creanças [Editorial]. (1917) *Revista Feminina*, 32(1), 28.

Eliot, M. M. (1928, December). Psychological Care of Infant and Child. John B. Watson.

Social Service Review, 2(4), 668 – 670.

Freud, A. (1934). *Introdução a técnica da análise infantil*. (J. M. da Rocha & E. Canabrava, trads). Rio de Janeiro, RJ: Marisa (versão original publicada em 1927).

Fenton, J. C. (1925). *Practical psychology of babyhood*. Cambridge, MA: Riverside Press.

Ferreira, O. L., & Freire, M. M. L. (2005). Higienismo, feminismo e maternalismo: Ideologias e práticas de proteção à infância no Brasil, 1899-1940. Em A. L. Pereira, & J. R. Pita, *Estudos do século XX: Ciência, saúde e poder* (p. 305-320). Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX, Coimbra: Universidade de Coimbra.

Franco, M. F. (1790). *Tratado da educação física dos meninos, para uso da nação portuguesa*. Lisboa: Oficina da Academia Real das Ciências.

Freire, M. M. L. (2008). Ser mãe é uma ciência: Mulheres, médicos e a construção da maternidade científica na década de 1920. *Revista História, Ciências e Saúde*, 15(suplemento), 153-171.

Freire, M. M. L. (2011). Maternalismo e proteção materno-infantil: Fenômeno mundial de caráter singular. *Caderno de História da Ciência*, 7(2), 55-70.

Freire, M. M. L. (2014). A puericultura em revista. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, 24(3), 973-993.

Godrie, M. (1928). Book Review: J. B. Watson, *Psychological Care of Infant and Child*. *Journal of General Psychology*, 1, 612.

Groves, E. R., & Groves, O. H. (1924). *Wholesome childhood*. Boston: Houghton Mifflin.

Guilhardi, H. J., & Madi, M. B. B. P. (1996). Professor Keller disse sim... *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 12(2), 113-114.

Hallewell, L. (2017). *O livro no Brasil: Sua história*. (3a ed.). (M. P. Villalobos; L. L. Oliveira & G. G. Souza, trads.) São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo.

Harris, B. (1984). “Give me a dozen healthy infants ...”: John B. Watson’s popular advice on childrearing, women, and the family. In M. Lewin (Ed.), *In the shadow of the past: Psychology portrays the sexes. A social and intellectual history* (p. 126-154). New York, NY: Columbia University Press.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (1999). *Evolução e perspectivas da mortalidade infantil no Brasil*. Rio de Janeiro, RJ: IBGE.

- Jastrow, J. (1928, April, 26). Scientific Books. *Science*, 69, 455-457.
- Jones, M. C. (1924). A laboratory study of fear: The case of Peter. *The Journal of Genetic Psychology*, 31(4), 308-315. <https://doi.org/10.1080/08856559.1924.9944851>
- Kerbaux, R. R. (1996). O cientista que ensinava. *Psicologia USP*, 7(1-2), 225-245.
- Lachmund, C. (1926, 6 de fevereiro) Correio musical. *Correio da manhã*, 9521(1), 6.
- Lashley, K. S., & Watson, J. B. (1921). A psychological study of motion pictures in relation to venereal disease campaigns. *Social Hygiene*, 7(1), 181-219
- Lima, A. L. G. (2008) Os saberes especializados da pediatria e a adaptação das mães às necessidades de seus bebês: Um estudo de manuais de puericultura publicados no Brasil. *Anais da Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação*, Caxambu, MG, 31.
- Lima, A. L. G. (2013). Recomendações médicas para a educação da criança-problema: Um estudo de manuais de higiene mental, 1939-1947. *Revista História, Ciências, Saúde*, 20(1), 317-325.
- Liparini, T. C., Lepnitz, L., & Braga, C. N. O. (2017). Avaliação da qualidade da tradução: Resultados da primeira fase de um estudo longitudinal sobre a aquisição da competência tradutória. *Revista DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, 33(4), 1323-1352.
- Livros Novos [Editorial]. (1947, Junho) *Vida Domestica*, 351(1), 102.
- Magalhães, M. G. S. (2011). *Medos, mimos e cuidados. Leituras úteis para educar as mães: Os guias maternos brasileiros (1919-1957)* (Tese de Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas.
- Martins, A. P. V. (2008). “Vamos criar seu filho”: Os médicos puericultores e a pedagogia materna no século XX. *Revista História, Ciências, Saúde*, 15(1), 135-154.
- Matos, M. A. (1998). Contingências para a análise comportamental no Brasil. *Psicologia USP*, 9(1).
- Mejias, N. (1996). A história da modificação de comportamento no Brasil. Em R. A. Banaco (Org.), *Sobre Comportamento e Cognição* (vol. 2, pp. 8-17), Santo André: ARBytes.
- Moncorvo Filho, A. (1918) *Higiene infantil*. Rio de Janeiro, RJ: Imprensa Nacional.

- Montoro, A. F. (1938) O mundo moderno e a filosofia tomista. *A Ordem*, 91(2), 571-576.
- Olinto, P. (1933). *Psicologia*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara.
- Palestras científicas [Editorial]. (1926, 18 de setembro). *Jornal do Brasil*, 221(1), 10.
- Paixão, F. (1997). *Momentos do livro no Brasil*. São Paulo, SP: Ática.
- Pereira, J. S. (2006). *História da pediatria no Brasil de final do século XIX a meados do século XX* (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Minas Gerais.
- Pessotti, I. (1975). Dados para uma história da psicologia no Brasil. *Revista Psicologia*, 1, 7-14.
- Pimentel, I. (1932). *Noções de psicologia aplicadas à educação* (3ª ed.). São Paulo, Brasil: Melhoramentos. (Originalmente publicado em 1930)
- Poletti, R. (2012) *Constituições brasileiras: 1934*. (3ª ed., vol. 3). Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas.
- Publishers Weekly. *Sobre nós*. Disponível em: <https://www.publishersweekly.com/pw/corp/aboutus.html>. Acesso em: 5 de dez. de 2020.
- Rezende, C. (1948). Guia para criar o bebê. *Jornal das Moças*, 1725(1), 59
- Rocha, J. M. (1947a). *Guia para criar o bebê: Puericultura elementar*. Rio de Janeiro, RJ: Livraria Editora Zelio Valverde.
- Rocha, J. M. (1947b). *Introdução a história da puericultura e pediatria no Brasil*. Rio de Janeiro, RJ: Mauá.
- Rocha, M. (1937) *Cartilha das mães* (4ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira.
- Roosevelt, E. (1931, June). Building character. *Parents Magazine*, 17.
- Samelson, F. (1994). John B. Watson in 1913: Rhetoric and practice. In: J. T. Todd, & E. K. Morris (1994). *Modern perspectives on John B. Watson and Classical Behaviorism* (pp. 3-18). Westport: Greenwood Press.
- SantAnna, C. C. (2009). O ensino da puericultura e da pediatria no Rio de Janeiro: A propósito do bicentenário da Faculdade de Medicina da UFRJ. *Revista de Pediatria SOPERJ*, 10(1), 16-20.
- Santos, T. M. (1938). A educação e as tendências atuais da psicologia. *A Ordem*, 88(1), 126-

151.

Santos, T. M. (1940a). O problema antropológico na pedagogia moderna. *A Ordem*, 110(1), 508-535.

Santos, T. M. (1940b). O conceito na educação na pedagogia moderna. *A Ordem*, 102(1), 311-336.

Singer, P., Campos, O., & Oliveira, E. M. (1981). *Prevenir e curar: O controle social através dos serviços de saúde* (2ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: Forense-Universitária.

Skidmore, T. (2007). *Brasil: de Getúlio a Castelo* (14ª ed.). Trad. Ismênia Tunes Dantas. São Paulo, SP: Paz e Terra.

Smith, R. C. (2013). Érico Veríssimo, a Brazilian cultural ambassador in the United States. *Revista Tempo*, 17(34), 149-175.

Spock, B. (1946). *The common sense book of baby and child care*. Nova York, NY: Duell, Sloan e Pearce.

Stearns, P. N. (2004). *Anxious parents: A history of modern childrearing in America*. New York, NY: New York University Press.

Strapasson, B. A. (2008). John B. Watson, o cuidado psicológico do infante e da criança: Possíveis conseqüências para o movimento behaviorista. *Revista Psicologia*, 20(2), 627-636. <https://doi.org/10.1590/S1984-02922008000200023>

Strapasson, B. A. (2016). O behaviorismo clássico de John B. Watson (1878-1958). Em D. Zilio, & K. Carrara (2016). *Behaviorismos: Reflexões históricas e conceituais* (pp. 132-157). São Paulo: Paradigma Centro de Ciências e Tecnologia do Comportamento. <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v12i1.9120>

Strapasson, B. A. (2020). An updated bibliography of John B. Watson. *Perspectives on Behavior Science*, 43, 431-444. <https://doi.org/10.1007/s40614-020-00252-0>

Telles, W. (1946) ... *E agora mamãe? Cartas sobre a criação do bebê*. Rio de Janeiro, RJ: Livraria Victor Editora.

Todd, J. T. & Morris, E. K. (1986). The early research of John B. Watson: Before the behavioral revolution. *The Behavior Analyst*, 9(1), 71-88. <https://doi.org/10.1007 / BF03391931>

Todorov, J. C. & Hanna, E. S. (2010). Análise do Comportamento no Brasil. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26, 143-153. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000500013>

- Velloso, A. L. (1921, 10 de outubro) O ensino da Psychologia. *Correio da manhã*, 8256(1), 2.
- Vincent, C. E. (1951, September). Trends in infant care ideas. *Child Development*, 22(3), 199-209.
- Watson, J. B. (1913). Psychology as the behaviorist views it. *Psychological Review*, 20(2), 158–177. <https://doi.org/10.1037/h0074428>
- Watson, J. B. (1916). The place of the conditioned-reflex in psychology. *Psychological Review*, 23(2), 89–116. <https://doi.org/10.1037/h0070003>
- Watson, J. B. (1918). Preliminary report of the effect of oxygen hunger upon handwriting function. In *Manual of the Medical Research Laboratory Division of Military Aeronautics* (pp. 182–185). Washington: Government Printing Office.
- Watson, J. B. (1919). A schematic outline of the emotions. *Psychological Review*, 26, 165-96.
- Watson, J. B. (1927a, July). The weakness of women. *The Nation*, 125, 9-10.
- Watson, J. B. (1927b, September). Can psychology help me rear my child? *McCall's*, 44, 72.
- Watson, J. B. (1927c, October). Are you giving your child a chance? *McCall's*, 64, 74.
- Watson, J. B. (1927d, November). Children's fears: And how they grow. *McCall's*, 68, 74.
- Watson, J. B. (1928a, January). A good child just a little spoiled. *McCall's*, 50, 66.
- Watson, J. B. (1928b, February). Raging youth. *McCall's*, 55.
- Watson, J. B. (1928c, March). Night and daytime care of the child. *McCall's*, 38, 66.
- Watson, J. B. (1929a, June, 29). Will men marry fifty years from now? *Cosmopolitan*, 71, 104-106.
- Watson, J. B. (1929b, June, 29). Should a child have more than one mother? *Liberty*, 31-35.
- Watson, J. B. (1936). John Broadus Watson. In C. Murchison (Org.), *A history of psychology in autobiography* (p. 271-281). Worcester: Clark University Press.
- Watson, J. B., & Bentley, M. (1918). Exercises for the development of visual, aural and mental acuity. (Chapter 5, pp. 69–97). *Provisional combat intelligence manual*. Washington: Military Intelligence Division, General Staff.
- Watson, J. B., & Lashley, K. S. (1913). The effect of the amount and frequency of practice in learning archery. *Carnegie Institution of Washington Yearbook*, 12, 180–181.

- Watson, J. B., & Lashley, K. S. (1920). A consensus of medical opinion upon questions relating to sex education and venereal disease campaigns. *Mental Hygiene*, 4(4), 769-847
- Watson, J. B., & Morgan, J. J. B. (1917). Emotional reactions and psychological experimentation. *American Journal of Psychology*, 28, 163-174.
- Watson, J. B., & Rayner, R. (1920). Conditioned emotional reactions. *Journal of Experimental Psychology*, 3(1), 1-14. <https://doi.org/10.1037/h0069608>.
- Watson, J. B., & Watson, R. R. (1928). *Psychological care of infant and child*. New York, NY: Norton.
- Watson, J. B., & Watson, R. R. (1934). *Educação psicológica da primeira infância*. (M. B. Lee, trads., J. M. Rocha, revisor). Rio de Janeiro, RJ: Marisa (Trabalho originalmente publicado em 1928).
- Watson, J. B. (1941). *Educação psicológica da primeira infância*. (2ª ed.). (M. B. Lee, trads., J. M. Rocha, revisor). Rio de Janeiro, RJ: Emiel (Trabalho originalmente publicado em 1928).
- Watson, R. R. (1930, December). I'm a mother of a behaviorist's sons. *Parent's Magazine*, 5(12), 16-18, 67.
- Wittrock, G. (1926). Medicina domestica: Aleitamento materno. *Vida Doméstica*, 96(4), 20-21.
- Wyler, L. (2003). *Línguas, poetas e bacharéis: Uma crônica da tradução no Brasil*. Rio de Janeiro, RJ: Rocco.
- Zamignani, D. R., Banaco, R. A. & Wang, M. L. (2016). Considerações sobre a fundação da Análise do Comportamento no Brasil: Passado, presente, futuro. Em O. M. Rodrigues Jr. (Org.) *Histórias das psicologias comportamentais no Brasil* (pp. 43-63). São Paulo: Instituto Paulista de Sexualidade.

3 ESTUDO 2: A RECEPÇÃO DA TRADUÇÃO DO “*PSYCHOLOGICAL CARE OF INFANT AND CHILD*” NA PUERICULTURA BRASILEIRA

A psicologia no Brasil se tornou profissão há quase 60 anos, mas sua história começou bem antes disso. Assuntos de interesse da psicologia remontam ao Brasil colonial, sendo que os autores desse período estavam primordialmente preocupados com a aculturação e catequização dos índios (Massimi, 1984). Foi a partir da proclamação da independência do Brasil, em 1822, que o enfoque mudou. Os autores desse período eram em sua maioria médicos, vinculados a áreas de saber como a psicologia e a filosofia e que buscavam aliar sua prática à ciência. Tinham uma preocupação com o futuro do país e com a formação de caráter e moral da população. Os principais envolvidos na psicologia nacional dessa época, foram criadores de instituições de assistência médica e psiquiátrica. Esses autores escreveram textos acadêmicos em forma de manuais e teses de doutoramento da graduação de medicina, e tratavam sobre temas como memória, inteligência e personalidade. Esses textos eram dirigidos a um público culto e acadêmico, que faziam parte, em sua maioria, de classes sociais mais abastadas (Massimi, 1984; Pessoti, 1988).

Os educadores também tiveram um papel importante para o desenvolvimento da psicologia no país. Desde 1890, as Escolas Normais tinham em seu currículo noções de psicologia. Em 1890 surgiu a primeira instituição pedagógica no Brasil, o Pedagogium, que tinha como objetivo promover melhorias e reformas na educação, com enfoque na formação profissional e o aperfeiçoamento de professores do ensino público e privado (Decreto nº 667, 1890). Nesse sentido, surgiu no Pedagogium uma psicologia com foco na educação de professores, para os instruir sobre como educar os alunos. Uma psicologia bem diferente da utilizada pelos médicos, que utilizavam conceitos da psicologia para melhorar a prática psiquiátrica e neurológica (Pessoti, 1988).

Geralmente, a história do início da psicologia no Brasil, é estudada a partir dessas duas áreas: psiquiatria e educação. Mas outra área também foi importante, embora não muito explorada: a puericultura. A puericultura pode ser definida como parte da pediatria “responsável pela promoção da saúde, pelo bom crescimento e desenvolvimento das crianças. ... É a ciência que visa proteger o paciente contra algum agravo que possa interferir em seu desenvolvimento físico e mental” (Sociedade Brasileira de Pediatria [SBP], 2021a). O objetivo da puericultura é de prevenir doenças, baseando-se em princípios científicos, e fazendo uso do conhecimento de diversas áreas de conhecimento, como nutrição, odontologia e psicologia,

ditando a maneira cientificamente mais correta de cuidar das crianças (Bonilha & Rivorêdo, 2005).

No início do século XX, os autores que escreviam sobre puericultura eram médicos, preocupados principalmente com a mortalidade infantil, mas também com o desenvolvimento moral das crianças, que se tornariam o futuro da nação brasileira. Eles escreviam manuais que orientavam as mães sobre os cuidados que estas deveriam dedicar a seus filhos.

Entre 1918 e 1968, as motivações dos pediatras no Brasil para escrever manuais eram principalmente utilizá-los como uma das estratégias empregadas para difundir os princípios de puericultura além dos seus consultórios, os quais eram direcionados principalmente às mulheres das camadas sociais mais favorecidas (Lima, 2007). Eram redigidos como material didático dos cursos de puericultura oferecidos nas Escolas Normais (Lima, 2007). Os pediatras também davam orientações sobre os conhecimentos científicos referentes a maternidade e a puericultura, para as mães de uma população mais ampla, por meio de palestras proferidas no rádio, colunas redigidas nos jornais e da participação em instituições que tinham como propósito prestar assistência às pessoas necessitadas (Lima, 2007). A publicação desses manuais tinha prioritariamente um papel de educar as mães sobre higiene e cuidados com bebês, além de ser um recurso importante para fortalecer a aliança das mães e futuras mães com os médicos (Lima, 2007).

Em uma comparação de três manuais brasileiros publicados entre as décadas de 1930 e 1960, foram encontrados dois modelos de educação das mães, um mais rígido, relativos a dois manuais (Prado, 1938; Rocha, s.d), nos quais os médicos usavam uma linguagem mais agressiva e aconselhavam que as mães passassem a ocupar o papel de mães-enfermeiras (Martins, 2008). E um mais liberal, relativo ao terceiro manual (Lamare, 1963), no qual o autor adotou uma linguagem mais clara, direta e menos agressiva, e pregava uma educação na qual os pais tinham o papel não só de educar e impor limites, mas também de participar de jogos e brincadeiras. O terceiro manual (Lamare, 1963) representaria uma nova fase da pedagogia materna, na qual a ênfase sobre a criança é cada vez maior (Martins, 2008). Para os dois primeiros autores (Prado, 1938; Rocha, s.d.), era importante impor sua autoridade ao conhecimento popular, enquanto o terceiro (Lamare, 1963) escrevia direcionado à mulheres que já começavam a modificar seus hábitos, um exemplo é o tipo de parto, que a partir da década de 1930 e 1940 começou-se a utilizar a maternidade, embora ainda fossem utilizados predominantemente partos domiciliares (Martins, 2008).

Por meio desses ensinamentos divulgados nos manuais, os médicos procuravam estabelecer critérios para a adaptação da mãe aos bebês e suas necessidades. Lima (2008) em uma análise de 28 manuais de puericultura publicados no Brasil entre 1868 e 1968 observou que em geral, os autores descreviam o recém-nascido como frágil e feio, e os referiam como muito diferentes dos adultos ou mesmo dos lactentes de seis meses ou mais. Após descreverem as principais características do recém-nascido, os autores passavam a descrever todos os aspectos de desenvolvimento da criança (e.g., transformações da pele, o esqueleto, circulação sanguínea, respiração, digestão, a eliminação, sentidos etc.) (Lima, 2008). Lima (2008) diz que sobre amamentação, os médicos consideravam essencial para a saúde do bebê, e frisavam a importância da higiene no momento de amamentar. Sobre o manejo do recém-nascido, referentes ao banho, o quarto e o enxoval do bebê, a higiene, a segurança, a praticidade e a economia aparecem como os valores mais elevados (Lima, 2008).

De acordo com Lima (2008) esses livros forneciam um conjunto de várias regras de qual seria a forma mais adequada de agir para cada momento da rotina durante os primeiros meses de vida do bebê. Os objetivos eram semelhantes, o intuito de divulgar os conhecimentos da higiene infantil, pois acreditavam que poderiam assim contribuir para a redução das elevadas taxas de mortalidade infantil e para a formação de cidadãos saudáveis e úteis para a pátria (Lima, 2008).

A disseminação dos guias maternos ocorreu em um momento de popularização da leitura no Brasil. Os editores buscavam por novos leitores e procuravam novas temáticas direcionadas às mulheres, como a higiene. Nessa época, era comum que os médicos assumissem várias posições além da carreira médica, principalmente como professores, mas também nas editoras. Tinham a preocupação de divulgar o saber médico, fator ao qual se deve a grande quantidade de publicação dessa área no início do século XX. A pediatria era uma das especialidades médicas de destaque, com a preocupação da educação das mães, retratada na publicação dos guias maternos (Magalhães, 2011).

No processo editorial dos guias maternos brasileiros da época, havia um modelo editorial predominante, direcionado às mulheres, com um recurso metalinguístico sugestivo do que os autores e ou editores concebiam como modelo de mãe ideal: uma leitora atenta e que seguisse rigorosamente as instruções dos médicos. Os médicos justificavam que devido a mortalidade infantil, as mães deveriam seguir rigorosamente suas recomendações, em relação a saúde e a educação de seus filhos, assumindo assim o papel de mãe e enfermeira. Os médicos

também apresentavam a imagem do bebê ideal, que seria aquele robusto, que seguia os padrões de desenvolvimento descritos por eles em seus manuais, em relação à altura, peso, locomoção, fala e expressão dos sentimentos. E a imagem do bebê anormal, cujas deficiências (prematuras ou não), estariam vinculadas às doenças hereditárias, as adquiridas durante a gestação ou aos problemas advindos da execução do parto. O bebê anormal, em oposição ao bebê ideal, devido ao destaque aos aspectos negativos, também contribuía a compor a representação da criança sadia (Magalhães, 2011).

Inicialmente os médicos escreviam sobre cuidados com a saúde física das crianças, com o intuito de educar as mães e professoras para contribuírem no combate da mortalidade infantil. Ao passo que essas informações eram difundidas, e os autores tornavam-se mais confiantes e conquistavam a autoridade de especialistas em crianças, os livros de puericultura passaram a dedicar cada vez mais espaço à higiene mental, além dos cuidados físicos. Os problemas de adaptação da criança à família e à escola, eram os mais abordados pelos autores, pois permitiam prever dificuldades futuras de ajustamento social. Os pediatras estavam atualizados com os conhecimentos especializados na área da educação, da psicologia e da psicanálise produzidos em sua época, e com esse conhecimento, principalmente da psicanálise, os médicos consideravam as relações familiares essenciais para na formação da personalidade das crianças (Lima, 2013).

Nessa transição de temática, dos cuidados físicos para assuntos relativos a comportamento e aspectos psicológicos, os médicos passaram a se apropriar de literaturas de outras áreas do conhecimento, e a traduzi-las para o português brasileiro. Entre elas, um livro behaviorista que tratava sobre educação psicológica da criança, o “*Psychological Care of Infant and Child*” (Watson & Watson, 1928, doravante apenas *Psychological Care*). Esse foi o primeiro livro de Behaviorismo traduzido para o português brasileiro, publicado no país em 1934 e em 1941. Condições sociais responsáveis pelo desenvolvimento da puericultura, mudanças no mercado editorial brasileiros derivadas da crise de 1929 e o estabelecimento de uma cultura de educação de pais, parecem ter promovido o investimento na tradução do livro e sua divulgação no Brasil. Mas mesmo que essas duas edições do livro tenham ocupado uma posição que poderia contribuir com a disseminação do Behaviorismo no Brasil, características da tradução (e.g., problemas na tradução, avaliações críticas do autor do prefácio e das notas de tradução) podem ter comprometido esse potencial (Paixão & Strapasson, 2021).

A despeito desse comprometimento, o fato de ter havido duas edições, sugere que de algum modo havia interesse o suficiente no conteúdo do livro, para se justificar uma segunda publicação. O objetivo desse artigo é avaliar se houve – e qual foi – o impacto da tradução do *Psychological care of infant and child* (Watson & Watson, 1928) em manuais de puericultura no Brasil, em meados do século XX.

3.1 HIGIENE MENTAL, PUERICULTURA E A PREOCUPAÇÃO COM O FUTURO DA NAÇÃO BRASILEIRA

Durante a Primeira Guerra Mundial, a indústria brasileira passou por um desenvolvimento acelerado. As importações foram afetadas pela guerra, o que impulsionou o surgimento de novos ramos industriais no país (Fausto, 2006). Esse foi um período de grande nacionalismo, no qual, culturalmente, houve um movimento de pesquisa, leitura, análise e valorização do povo brasileiro, sua cultura, seus mitos e suas formas de sobreviver (Lessa, 2008). Junto com esse nacionalismo, aumentou a preocupação com o futuro na nação, e para isso era necessário combater os “males” do país, como a mortalidade infantil; os altos índices de doenças, devido principalmente a falta de saneamento; a “contaminação hereditária” das doenças mentais etc. Emergiram então vários movimentos nacionalistas, em busca de uma solução aos diversos problemas que atingiam o país (Reis, 1994).

A preocupação com os altos índices de mortalidade infantil, devido principalmente à deficiência do saneamento básico e a falta de conhecimento sobre higiene, tornou-se uma das principais entre os médicos pediatras e puericultores do início do século XX (Freire, 2008; Lima, 2013; Martins, 2008). Uma das formas que os médicos encontraram para lidar com esse problema, foi por meio do higienismo¹³ e da educação das mães, principalmente das classes mais abastadas. E uma das soluções, foi a publicação de manuais de puericultura, que aumentou significativamente nesse período, alcançando grande divulgação (Ferreira & Freire, 2005; Freire, 2008; Lima, 2013; Martins, 2008).

Em paralelo, surgia entre os médicos psiquiatras uma preocupação com a “purificação racial”, conceito relacionado com a eugenia de Francis Galton (1822-1911). Os psiquiatras estavam preocupados em formar indivíduos saudáveis para o progresso do país (Reis, 1994).

¹³ O higienismo é uma área da medicina que surgiu no Brasil entre os séculos XIX e XX. O principal objetivo era prevenir doenças, principalmente por meio do saneamento básico e hábitos de higiene.

Haviam dois aspectos centrais, que permeavam essa preocupação: o saneamento eugênico¹⁴ e a racionalidade técnica¹⁵, ambos entendidos como fundamentais para a regeneração nacional (Reis, 1994; Mendes e Nóbrega, 2008).

Os primeiros esforços em prol da eugenia, no Brasil, ocorreram com a fundação da “Sociedade Eugênica de São Paulo”, em 1918 por Renato Kehl. Contava com 140 membros, e reunia a elite médica de São Paulo. Apesar de ter sido bem recebida, a Sociedade só durou até 1919, pois com a morte do seu presidente e mudança de Renato Kehl, seu maior entusiasta, para o Rio de Janeiro, a Sociedade não resistiu. Mas, as ideias eugênicas continuaram a ser difundidas nos escritos de vários autores, principalmente médicos, que acreditavam na ideia de uma ciência que pudesse resolver os “problemas das doenças hereditárias e da mestiçagem”. Entre esses médicos, estavam os psiquiatras, que receberam bem a eugenia, convencidos que ela poderia ajudar a reparar a “contaminação hereditária” dos problemas mentais (Reis, 1994).

A preocupação com a regeneração nacional, pautada nas ideias eugênicas, e na prevenção da “contaminação hereditária”, em defesa de uma nação melhor, contribuiu para o surgimento da Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM) em 1923, por iniciativa de Gustavo Riedel (Reis, 1994), a qual foi reconhecida como de utilidade pública, passando a receber apoio financeiro do governo federal (Decreto nº 4778, 1923).

Movida por essa preocupação nacionalista e regeracionista, a LBHM se desenvolveu, elencando temas prioritários, como, combate ao alcoolismo e aos “vícios sociais”; controle dos casamentos (prevenir uniões indesejáveis e incentivar as eugenicamente desejáveis); esterilização compulsória dos “degenerados”; e atenção à infância, para um desenvolvimento mental saudável e eugênico (Reis, 1994).

Uma das seções de estudo da LBHM era voltada para a infância, “Seção de Puericultura e Higiene Mental”. Os psiquiatras preocupados com o desenvolvimento das crianças, encontraram dificuldades para ter acesso às crianças na idade de três anos, devido à realidade brasileira da época, com dificuldades financeiras, analfabetismo, condições de vida e de trabalho precárias. Essa seria a idade ideal para prevenção de problemas mentais derivados da falta de educação e instrução adequadas. A solução foi agir sobre as crianças na escola (embora,

¹⁴ Relativo a “purificação racial”, a eugenia. A mistura das raças e a pobreza eram vistos como as principais causas da degeneração racial, assim, o atraso do país estaria relacionado às doenças e a falta de saneamento (Souza, 2008).

¹⁵ Pautado no positivismo, não buscava mais o “porque” mas sim o “como” dos fenômenos. A precisão do método científico traria a certeza da verdade absoluta (Mendes e Nóbrega, 2008).

com idade superior a três anos) cuja observação possibilitaria identificar os que apresentassem características degenerativas¹⁶, além de ensinar a separação das crianças de acordo com o desenvolvimento intelectual delas (Roxo, 1925).

Os psiquiatras também consideravam que agindo nas escolas, também afetariam o meio familiar, contribuindo para as famílias terem acesso aos conhecimentos psicopedagógicos necessários para uma boa educação, pois para eles, era na família que “a arte de perverter” se iniciava. Nesse sentido, a escola e os professores tinham um papel fundamental contra esse “lar perversor”, como ressalta Porto-Carreiro:

De retorno ao lar, a criança a quem houverdes aberto os olhos, sem malícia nem falso pudor, ingenuamente contará o que sabe, renegará as falsidades que lhes haviam ensinado e não dará azas ao devaneio e à fantasia. [sic] (Porto-Carreiro, 1929, p. 133).

Esse foi um período no qual a psicanálise começa a ganhar espaço entre os psiquiatras higienistas. A LBHM foi bem receptiva à psicanálise, mesmo que a maioria de seus membros adotassem um perfil mais organicista. A Liga organizou em 1926 um “Consultório Gratuito de Psicanálise”, que funcionou em torno de um ano. A receptividade favorável da psicanálise pela LBHM não excluiu a utilização de medidas profiláticas da Liga (por exemplo, o exame pré-nupcial). A aplicação da psicanálise pela Liga, ia além da aplicação terapêutica. Ela foi empregada como uma aliada das ideias expansionistas da psiquiatria higienista brasileira, em trabalhos conjuntos com a escola; na educação sexual da população; no combate a “toxicômanos, pervertidos sexuaes, suicidas frustrados, neuróticos no geral” [sic] (Porto-Carreiro, 1929, p. 39). Foi utilizada em benefício do melhoramento das crianças e dos brasileiros no geral, tornando-se um instrumento útil ao programa de eugenia (Reis, 1994; Nunes, 1988).

Reis (1994) faz uma reflexão sobre uma contradição teórica dos psiquiatras da Liga, observando que a maioria desses profissionais adotava uma posição teórica fundamentalmente organicista, sendo que a base biológica implicava em uma perspectiva hereditária de transmissões de doenças, o que conflitava com os princípios da psicanálise ou qualquer teoria que defendesse as influências do meio social no surgimento das doenças.

¹⁶ Os eugenistas acreditavam que os portadores de características degenerativas - como alcoolismo, prostituição, sonambulismo, loucura entre outras - não deveriam ter filhos, porque isso contribuiria para o fracasso racial, onde os indivíduos degenerados afetariam os mais aptos, o que prejudicaria o desenvolvimento da sociedade.

Essa contradição teórica, estava vinculada aos objetivos desses autores, que eram político-sociais, em prol da nação, da sociedade. Esses objetivos estavam a frente de qualquer coerência científica. O mais importante era que se alcançasse esses objetivos, e para isso faziam uso de conhecimentos de outras áreas (como a psicanálise e a eugenia). Mas havia a necessidade de serem chancelados pela ciência, para ganharem a confiança da sociedade. Isso não quer dizer, que para esses autores, o que eles faziam não era ciência. Pelo contrário, para eles suas orientações eram pautadas na ciência, portanto, seriam as melhores (Reis, 1994).

Essa contradição teórica também pode ser observada nos manuais de puericultura do século XX. Dois exemplos são os autores José Martinho da Rocha (1947a) e Fernando Magalhães Gomes (1947, 1958). O primeiro autor utiliza conceitos semelhantes aos de Watson que valorizava fortemente a influência do ambiente (e.g., p. 199, 200, 201, 204), mas também dá orientações pautadas nos conceitos eugênicos (e.g., p. 11, 12, 14, 15, 16) que valorizavam a determinação gênica das características psicológicas. O segundo autor, fala explicitamente sobre utilizar os preceitos da eugenia (e.g., p. 17, 18, 19), ao mesmo tempo que cita diretamente Watson de modo favorável (e.g., p. 195, 200, 201).

No caso dos puericultores eugenistas, semelhante aos psiquiatras eugenistas, a contradição teórica parece estar relacionada com seus objetivos, que eram também de cunho político e social. Ao mesmo tempo em que buscavam diminuir a mortalidade infantil, também desejavam converter as mães em suas aliadas para criar bebês saudáveis e dessa forma contribuir para o futuro da nação brasileira.

3.2 CARACTERÍSTICAS DO “PSYCHOLOGICAL CARE OF INFANT AND CHILD”

Na introdução, J. B. Watson e R. R. Watson argumentam por que acharam necessário escrever sobre cuidados psicológicos para crianças e defendem que os cuidados psicológicos são mais importantes que os cuidados fisiológicos. Os autores também salientam o fato de que muitas mães não são tão receptivas aos conselhos de cuidados físicos para seus filhos, e que igualmente não desejam receber conselhos ou instruções de como cuidar psicologicamente (Watson & Watson, 1928).

Eles finalizam essa introdução explicando que o objetivo deles é contribuir para a educação de crianças felizes, e definem o que consideram ser uma criança feliz:

Uma criança que nunca chora a menos que seja espetada por um alfinete, ilustrativamente falando - que se perde em trabalho e diversão - que rapidamente aprende a superar as pequenas dificuldades em seu ambiente sem correr para a mãe,

pai, enfermeira ou outro adulto - que logo constrói uma série de hábitos que o guiam nos dias escuros e chuvosos - que adquire hábitos de polidez, limpeza e clareza; que os adultos estão dispostos a estar com ele pelo menos parte do dia; uma criança que está ansiosa por estar perto de adultos sem lutar incessantemente para ser notada - que come o que é colocado diante dela sem questionar - que dorme e descansa quando colocada na cama para dormir e descansar - que põe de lado os hábitos de 2 anos quando o terceiro ano tem que ser enfrentado - que passa para a adolescência tão bem equipado que a adolescência é apenas um período de anos férteis - e que finalmente entra na idade adulta tão amparado por um trabalho estável e hábitos emocionais que nenhuma adversidade pode dominá-lo completamente (Watson & Watson, 1928, p. 9).

O primeiro capítulo é intitulado *“How the behaviourist studies infant and children”*. O objetivo dos autores nesse primeiro capítulo, é relatar o estudo realizado no hospital da Johns Hopkins University, no qual observaram mais de 500 bebês. Estes experimentos com emoções ficaram famosos, principalmente devido ao estudo com o Pequeno Albert, que demonstrou que o condicionamento clássico também ocorre em seres humanos. Nesse experimento, segundo os autores, um bebê foi condicionado a ter medo de um rato (Watson & Rayner, 1920) de modo a demonstrar os mecanismos de condicionamento das emoções. Dessas observações e experimentos realizados no hospital da Johns Hopkins, eles pretendiam extrair resultados práticos, que pudessem ser utilizados pelos pais em casa (Watson & Watson, 1928).

A partir de suas pesquisas com emoções, os Watson expõem que “não há instintos. Construímos desde cedo tudo o que mais tarde aparecerá” (Watson & Watson, 1928, p. 23). Com exceção de algumas respostas que as crianças já apresentam ao nascer, todos os comportamentos são aprendidos, e grande parte dessa aprendizagem, vem dos pais, que para o casal Watson, precisam aprender a educar seus filhos adequadamente, por meio da ciência do comportamento, para que eles cresçam psicologicamente saudáveis.

Nos capítulos seguintes (II, III e IV) eles elaboram explicações de como alguns comportamentos são instalados no repertório de uma criança, e como fazer para evitar ou remediar comportamentos considerados como comportamentos-problema por eles.

Nos capítulos II, III e IV os Watson defendem que as emoções são condicionadas, e falam sobre o medo, o amor e a raiva. Logo no início do capítulo II, os autores fazem essa afirmação colocando a responsabilidade sobre os pais: “os medos das crianças são cultivados em casa, assim como seus amores e explosões de temperamento. Os pais fazem o plantio e o cultivo emocional” (Watson & Watson, 1928, p. 45). Eles atribuíram aos pais, a tarefa de criar uma criança feliz e saudável, o que só seria possível com uma criação baseada em princípios científicos.

O mundo seria consideravelmente melhor se parássemos de ter crianças por vinte anos (exceto as criadas para fins experimentais) e então iniciar novamente com fatos suficientes para fazer o trabalho com algum grau de habilidade e precisão (Watson & Watson, 1928, p. 12).

Descrições de seus experimentos com emoções no hospital da Johns Hopkins são feitas também nesse segundo capítulo. Baseando-se nos resultados desses estudos eles defendem o condicionamento das emoções por meio do condicionamento clássico, ou seja, na presença de um estímulo incondicionado (que provoca uma resposta natural e automática), ocorrem reações emocionais, e após a apresentação sucessiva de um outro estímulo (neutro) concomitante ao estímulo incondicionado, ocorre o pareamento entre esses dois estímulos. Após o pareamento, sempre que esse estímulo anteriormente neutro, agora condicionado, for apresentado novamente, mesmo que sem a presença do estímulo incondicionado, as reações emocionais passarão a ocorrer. Após essas descrições, J. B. Watson e R. R. Watson fazem um paralelo de como esse processo ocorre fora do contexto experimental, em casa, descrevendo situações do cotidiano que eles acreditam que podem condicionar as reações de medo, de amor e de raiva. Por exemplo, eles sugerem que o medo é mínimo nos recém nascidos, que respondem com essa emoção apenas a sons estridentes e a perda de equilíbrio, sendo que todos os outros medos são aprendidos. Nessa proposta, as crianças passam a temer coisas como barulhos resultantes da movimentação familiar, o bater de portas, utensílios caindo na cozinha e trovões (Watson & Watson, 1928).

Nesse capítulo, os autores também abordam que mesmo que o estabelecimento do medo precise ser evitado, estabelecer algumas reações negativas para lidar com comportamentos indesejados das crianças é necessário, como por exemplo o dizer “não”, o qual eles consideram muito poderoso (Watson & Watson, 1928). Outro exemplo seria a palmada:

Quando as crianças começam a pegar objetos que não são seus eu não hesito em, com um lápis, dar uma batida leve, mas ardida, em seus dedos. Para estabelecer as condições psicológicas apropriadas, os pais devem sempre aplicar esse estímulo doloroso exatamente no momento em que o ato indesejável está ocorrendo (Watson & Watson, 1928, p. 62).

Os autores também ressaltam que as punições físicas, como a palmada, devem ser aplicadas como procedimento experimental objetivo, mas nunca como castigo. No caso de não conseguir evitar o condicionamento do medo, aconselhavam utilizar o processo de descondicionamento, elaborado por Mary Cover Jones¹⁷. Exemplificam esse método utilizando

¹⁷ Mary Cover Jones foi retratada na literatura psicológica como uma precursora no campo da terapia comportamental devido a sua pesquisa sobre descondicionamento do medo em bebês. O

o caso de uma criança que temia coelhos. O processo deveria ocorrer apenas uma vez ao dia, no horário do almoço e quando a criança estivesse com fome, deixariam a criança avistar sua comida, ao mesmo tempo em que visse o coelho o mais longe possível, e então deveria dar início a refeição. Nos próximos dias, devia aproximar o coelho, cada dia um pouco mais. Se a criança demonstrasse medo, era necessário parar de avançar. Ao repetir isso por vários dias, logo a criança começaria a aceitar o coelho mais próximo, até em seu colo. (Watson & Watson, 1928).

No capítulo III, J. B. Watson e R. R. Watson sugerem que o amor, assim como o medo é condicionado, e eles exemplificam o condicionamento do amor com um pareamento entre o toque da mãe e a visão de seu rosto: “a criança vê o rosto da mãe quando ela o acaricia. Logo, a simples visão do rosto da mãe chama a resposta de amor” (Watson & Watson, 1928, p. 74). Os autores também alertam para os perigos do excesso de amor materno, podendo tornar os filhos dependentes dos pais, com uma infância infeliz, a adolescência um pesadelo, e destruir o futuro profissional dos filhos quando adultos, bem como suas chances de felicidade conjugal (Watson & Watson, 1928).

No capítulo IV, os autores afirmam que suas experiências com recém nascidos demonstraram que lhes é provocado raiva muitas vezes ao dia, ao vestir, despir e trocar as fraldas, por exemplo. Impedir os movimentos, provoca reações de raiva mesmo nos recém-nascidos. O casal Watson também fala sobre o condicionamento da raiva, eles ressaltam que as mães ou as avós muitas vezes banham a criança e limpam seu nariz e orelhas, colocam-lhe a roupa bruscamente, o que acarreta condicionamento da raiva, não só com os objetos utilizados no banho, mas também com a própria pessoa que a banha ou a veste (Watson & Watson, 1928). Posteriormente, essa raiva poderia ser estendida para outros eventos, objetos e pessoas.

A partir dessas afirmações, J. B. Watson e R. R. Watson descrevem formas de como se poderia evitar o condicionamento dessas emoções ou descondicionar essas respostas já aprendidas. Os autores fazem várias ressalvas de que o ideal seria evitar que essas respostas fossem construídas. Por isso dão recomendações polêmicas, como: “nunca abrace e beije seus filhos, nunca os deixe sentar em seu colo. Se você precisar, beije-os uma vez na testa quando eles disserem boa noite” (Watson & Watson, 1928, p. 81). Para o casal Watson os pais precisavam tratar seus filhos como jovens adultos, sendo que os contatos físicos com as

estudo do menino de três anos chamado Peter (ver Jones, 1924) é seu trabalho mais citado e conhecido, o qual foi supervisionado por J. B. Watson (Rutherford, 2001).

crianças deveriam se restringir a sua higiene. Para os autores o excesso de amor, faria dessas crianças adultos dependentes e inseguros (Watson & Watson, 1928).

No capítulo V, os autores dão sugestões para o estabelecimento de uma rotina para crianças entre dois e cinco anos de idade. Nessas sugestões eles falam sobre hábitos diários e noturnos, como banho, sono, alimentação, vestuário, brincar, e contato social. Os autores defendem que as crianças precisam ter horários regulares para acordar, para as refeições, para o banho e para dormir. Para eles, “a educação moderna exige uma vida ordenada” (Watson & Watson, 1928, p. 121). Falam também sobre a “destrutividade” (p. 140) da criança, sugerindo que isso geralmente acontece ao permitir que elas usem indevidamente seus brinquedos, e que apesar de ser natural que elas tenham a curiosidade de desmontar um brinquedo para saber como ele funciona, isso deve ser feito com cuidado, e que assim como ela desmonta o brinquedo, deve ser ensinada também a montá-lo cuidadosamente.

Sobre esses cuidados gerais com as crianças, os autores explicitam sua esperança de haver algum dia uma escola sobre maternidade, onde as mães aprenderiam, com uma enfermeira, técnicas de manejo com os bebês (Watson & Watson, 1928).

No capítulo VI, abordam o assunto da educação sexual, e aconselham os pais a conversar com os filhos sobre sexo e reprodução, mas orientam para que os pais verifiquem se possuem conhecimento o suficiente sobre o assunto para poder responder os questionamentos dos filhos, sendo que essas dúvidas devem ser sanadas conforme forem surgindo nas crianças. Eles afirmam que em conversas como essa, um auxílio pode ser mostrar fotos de animais ou então livros de obstetrícia, eles também alertam para os perigos da masturbação e recomendam evitá-la (Watson & Watson, 1928).

No sétimo e último capítulo, os Watson finalizam alertando que suas propostas são direcionadas para o seu país, e para a sua época, pois as diferenças culturais, de tempo e lugar, podem ter um significado importante na interpretação e aplicação de suas proposições. Mas eles acreditavam que sua proposta pudesse funcionar em outras culturas, e propunham treinar as crianças para se tornarem independentes.

As propostas da teoria de criação de filhos de J. B. Watson, contidas no *Psychological Care* e brevemente descritas aqui, apresentam uma semelhança com as ideias que já eram difundidas pelos puericultores brasileiros, na primeira metade do século XX. A preocupação com a educação moral e com o futuro das crianças, além de atribuírem a responsabilidade de

uma criança saudável aos pais, são exemplos de valores em comum entre esses autores. Essa análise do livro dos Watson, já permite supor que suas propostas tenham sido úteis aos puericultores.

3.3 INFLUÊNCIAS DO BEHAVIORISMO DE WATSON NOS MANUAIS DE PUERICULTURA

Para se avaliar uma possível influência de J. B. Watson e sua teoria na puericultura brasileira foram analisados alguns manuais direcionados ao cuidado e criação dos filhos e um livro que discute a educação de filhos de um ponto de vista behaviorista. As referências dos manuais, guias e cartilhas de puericultura do período entre 1930 e 1960 foram encontradas em textos que revisaram o conteúdo de manuais nacionais dessa área do conhecimento (Lima, 2006, 2007, 2008, 2009, 2013; Pereira, 2006; Martins, 2008; Magalhães, 2011). Nesses textos foram encontrados referências a 28 manuais. Em busca complementar na internet foram encontrados 6 novos manuais. No presente estudo analisamos o conteúdo de 15¹⁸ dos 34 manuais publicados no período de 1930 e 1960. Uma lista dos manuais identificados e dos manuais consultados está disponível nos Apêndices A e B.

Dos 15 manuais analisados, 8 tratavam apenas de cuidados físicos das crianças, em especial os relacionados à higiene, alimentação e cuidados em relação às principais doenças da infância (ver Apêndice B). Dentre os 7 manuais que mencionaram cuidados comportamentais/psicológicos (M. Rocha 1937; Andrade Filho, 1945, 1954; J. M. Rocha, 1947a; Oliveira, 1954; Telles, 1956; Gomes, 1958) 6 deles fazem referência direta a J. B. Watson, ou a termos e conceitos de sua teoria behaviorista de criação de filhos, tal como será demonstrado a seguir. O único que não menciona J. B. Watson ou sua teoria, é o manual de Oliveira (1954), no qual o autor trata sobre “Higiene Moral”. Além desses manuais, outro livro (Modesti, 1959) também foi analisado. Apesar de não ser um manual de puericultura, trata extensivamente sobre o modelo behaviorista de criação de filhos.

O autor Odilon de Andrade Filho escreveu um livro, intitulado “Prepara teu filho para a vida adulta: Educação psicológica da primeira infância” (1947 e 1954). Ao longo da obra, o autor faz uso do termo reflexo condicionado várias vezes para explicar a formação de hábitos,

¹⁸Foram analisadas duas edições diferentes de dois manuais (Piza, 1939, 1951; M. Rocha, 1937, 1954) totalizando 17 manuais. No entanto não foram encontradas diferenças significativas nesses manuais no que tange a este estudo.

citando J. B. Watson em algumas ocasiões e incluindo o *Psychological Care* na lista de referências.

Andrade Filho (1954) fala sobre formação de hábitos (p. 13, 52, 53), relacionando a formação de hábitos com o reflexo condicionado, afirmando que, em geral, o reflexo condicionado cria o hábito (p. 52). Essa é, precisamente, a proposta explicativa de J. B. Watson para o comportamento humano. Um exemplo dessa afirmação feita pelo autor do manual, é o caso da micção, em relação à qual ele indica que, para estabelecer na criança o hábito de urinar sem molhar a roupa, é preciso levar a criança ao vaso em determinadas horas, e sempre no mesmo horário (p. 53). Ele ainda sugere que: “se nada disso der resultado, uma mudança de ambiente poderá dar lugar a uma cura. A enurese poderá ser um reflexo condicionado por um estímulo que ocorre no ambiente familiar e ausente em outro” (Andrade Filho, 1954, p. 59).

O medo é outro tema citado por Andrade Filho, para abordar o assunto ele menciona J. B. Watson:

O medo inato, espontâneo, é produzido, na criança, por um número reduzido de causas, e é, de todas as emoções, a primeira a se manifestar. Já se nota o medo na criança no segundo mês de vida. Parece que apenas um ruído intenso e a sensação de perda de equilíbrio são capazes de determinar nela essa impressão. Foram essas as conclusões a que chegou Watson. Observa-se facilmente essa reação quando ribomba um trovão, bate com força uma porta, ou quando se segura uma criança e com ela se executam movimentos bruscos, que lhe deem uma impressão de perda de equilíbrio. A criança, quando faz as primeiras tentativas para andar, mesmo não havendo caído, não conhecendo, portanto, pela experiência, o resultado de uma queda, sente, frequentemente, um invencível temor.

O autor cita também Jones (1931), ao defender que o medo pode ser provocado principalmente por situações inesperadas e intensas (Andrade Filho, 1954). Andrade Filho (1954) aborda o medo à escuridão, afirmando que este é adquirido e condicionado, o que implica possibilidade do medo espontâneo causado por um ruído intenso, poder ser associado à escuridão, resultando também no medo do escuro.

O autor menciona o trabalho de J. B. Watson para discorrer sobre outros conceitos, por exemplo o recondicionamento e crises de cólera das crianças. Sobre o primeiro termo, o autor diz:

Watson aconselha recondicionar a criança, associando o objeto do temor a uma sensação que seja agradável. Se a criança teme o cão ou outro animal, apresenta-lo sempre a uma certa distância, ao mesmo tempo que se lhe dá algo que a satisfaça, alimento, por exemplo. Da próxima vez agir do mesmo modo, aproximando mais o animal. Esse recondicionamento continuará a se fazer até que seja destruída a impressão penosa, por vir sempre associada a outra agradável (Andrade Filho, 1954, p. 112).

E sobre as crises de cólera, o autor aborda as causas de cólera na criança, assinalando como principal a contenção dos movimentos, mencionando que os estudos de J. B. Watson explicaram bem essa temática (Andrade Filho, 1954).

Em outros trechos, embora Andrade Filho não cite J. B. Watson diretamente, ele usa termos da teoria dele, como “condicionamento por meios físicos”. Ele explica o que significa o condicionamento por meios físicos, diferenciando de castigo corporal:

O condicionamento é o processo pelo qual se procura associar à prática de um ato condenável uma correção sempre a mesma, como um tapa na mão. Essa reprovação assim manifestada vai criando no espírito da criança uma associação entre causa e efeito, acabando ela por dominar o seu impulso pela lembrança da censura. É empregado comumente no combate a hábitos que devem ser erradicados, sempre que tenham fracassado antes os métodos suasórios. Esse condicionamento por meios físicos deve provocar ligeira sensação de dor. Uma palmadinha carinhosa tem muito fraco poder condicionante (Andrade Filho, 1954, p. 141).

O autor ainda acrescenta que a correção deve ocorrer imediatamente após o ato censurável, para que se realize a associação que se deseja. Sendo também importante explicar à criança a razão pela qual está sendo castigada (Andrade Filho, 1954).

O excesso de carinhos pela mãe também aparece neste manual como uma preocupação de Andrade Filho, que afirma que “tais mães estão convencidas de que seus filhos são pequeninos brotos tenros, que exigem o máximo de cuidado, e mal sabem que para a sua saúde física e psíquica seria melhor que se inquietassem menos com eles” (Andrade Filho, p. 146, 1954). Ele também alerta para as consequências desse excesso de carinho, que pode tornar a criança uma pessoa com dificuldades pela vida, “tornando-a penosa e desorientada” (Andrade Filho, 1954, p. 151).

Outro tema que traz propostas semelhantes às apresentadas por J. B. Watson e R. R. Watson no *Psychological Care* é a educação sexual. Andrade Filho apresenta o assunto como necessário, mas como um ponto de divergência entre os médicos puericultores da época. Ele também defende que a educação sexual deve iniciar com o “despertar natural da curiosidade infantil” (Andrade Filho, 1954, p. 168), e que para isso os pais precisam acompanhar o desenvolvimento dessa curiosidade, a qual irá surgindo aos poucos.

Outro autor, Walter Telles, cujo livro intitulado “... e agora, mamãe? ... cartas sobre a criação do bebe” (1947)¹⁹ também faz referência a J. B. Watson e faz uso de alguns de seus

¹⁹ O exemplar do livro ao qual tivemos acesso não inclui data de publicação, entretanto, o site da Sociedade Brasileira de Pediatria menciona que essa obra foi publicada em 1947.

conceitos e termos para defender suas ideias. Por exemplo, ao falar sobre cuidados na hora do banho, o autor cita diretamente J. B. Watson:

E nessa eventualidade, ou mesmo quando apenas escorrega ou perde o equilíbrio, não é raro que a criança passe a temer o banho, habitualmente encarado por ela como um instante de indisfarçável contentamento. Quando isso acontece, a conduta mais judiciosa é a preconizada por Watson: afastar por alguns dias a banheirinha, substituindo-a por uma bacia cada vez com um pouco mais de água (completando-se a limpeza com esponja úmida), e isso até que, desaparecidos os temores, se possa retornar à peça primitiva (Telles, 1947, p. 67).

Telles afirma que a criança nasce sem nenhum hábito, sem a noção de qualquer juízo de valor imposto pelo ambiente em que foi inserida, mas faz uma ressalva que remete à teoria de J. B. Watson, especialmente aos estudos sobre emoções: “excetuando-se o temor inato dos ruídos e do desequilíbrio, tudo o mais lhe é ensinado pelo meio” (Telles, 1947, p. 117).

Ao falar sobre o amor materno, o autor cita novamente J. B. Watson, para fortalecer seu ponto de vista ao discorrer sobre os exageros de ternura das mães com seus filhos:

Um dos corifeus do *behaviorismo* yankee, Watson, chega mesmo a adiantar que as mães ignoram, “quando beijam as crianças, quando as agarram e balouçam, acariciando-as e levando-as ao colo, que modelam aos poucos um ente incapaz de lutar contra o mundo que irá cerca-lo” (Telles, 1947, p. 121, itálico do autor).

Telles também menciona J. B. Watson e outros autores (Tiedermann, Prayer, Lihotzky), ao elencar livros que abordam as questões educativas dos filhos, descrevendo-as como “revelações curiosas sobre o modo de reagir de cada criança ao plano predeterminado dos pais.” (Telles, 1947, p. 174). Em outro trecho, embora não cite diretamente J. B. Watson nesses trechos, menciona uma orientação compatível com a apresentada no *Psychological Care*. Telles sugere que as mães comecem a habituar seus filhos a usar o urinol desde cedo que “de molde a aproveitar a reação condicionada que, desde logo, se operaria pela associação entre a borda fria do vaso e o ato de evacuar.” (Telles, 1947, p. 176).

Ao falar sobre o que seria uma criança feliz, Telles também faz referência direta reproduzindo a definição de J. B. Watson e R. R. Watson presente no *Psychological Care*:

Somente a criança calma, educada em meio não menos tranquilo, poupada às cenas de dissenção doméstica, pode ter o direito de ser considerada feliz. E não é outro o conceito de Watson, para quem criança feliz é aquela “que chora quando picada por um alfinete (falando figuradamente), que se entretém com trabalhos e brinquedos, que aprende a resolver rapidamente os seus problemas sem o auxílio de Papai ou Mamãe, da babá ou de outro qualquer adulto, que sabe distrair-se nos dias escuros e chuvosos, delicada e assejada ao ponto de proporcionar agradável companhia durante algumas horas, que permanece junto dos adultos sem procurar chamar-lhes a atenção sobre si, que come o que se lhe dá sem fazer perguntas, que dorme quando metida no leito, que transforma a sua conduta ao entrar no terceiro ano de vida, e alcança a puberdade de tal modo bem equilibrada que nada mais signifique esse episódio além de uma fase fecunda, e que finalmente chega à maioridade tão

fortificada pelo trabalho e os hábitos sentimentais, que não consigam subjugar-la as desgraças.” (Telles, 1947, p. 266, itálico do autor).

O autor Fernando A. Magalhães Gomes, em um livro escrito com a colaboração de Helena Antipoff, intitulado “Faça o seu filho feliz” (1949, 1958) também cita propostas semelhantes às de J. B. Watson, embora cite diretamente J. B. Watson somente em alguns trechos.

O autor defende que no recém-nascido só existem duas emoções: o prazer e a dor, tendo o choro como a forma mais frequente de demonstrá-las. O autor ainda sinaliza que essas emoções são provocadas pela fome, vento, alguns ruídos súbitos e intensos e falta de apoio. Então, sem citar nenhum autor especificamente ele diz: “alguns psicólogos querem identificar as reações emotivas consequentes aos ruídos e à falta de apoio como devidas ao medo” (Gomes, 1958, p. 172). Mas para ele, somente após iniciar o segundo semestre de vida que surgiriam emoções específicas como medo, cólera, simpatia e alegria (Gomes, 1958). Um exemplo desse ponto de vista do autor, pode ser encontrado quando ele discorre sobre cólera, discordando que o recém-nascido possa apresentar essa emoção antes do segundo semestre de vida:

Embora queiram alguns psicólogos ver na conduta do recém-nascido – grito, vermelhidão, etc. – manietando em seus movimentos, as primeiras manifestações coléricas, admite-se que só mais tarde, geralmente no 2º semestre, é que se revela, nitidamente, essa emoção. Tudo que determina uma situação de dificuldade ou de bloqueio dos movimentos e atividades ocasiona a cólera (Gomes, 1958, p. 172).

No entanto, em outro trecho, ao falar sobre higiene mental, o autor diz: “o amor, a cólera e o medo são emoções que nascem com as crianças, podendo ser condicionadas ou modificadas pelo meio” (Gomes, 1958, p. 180).

Gomes (1958) aponta o castigo corporal como algo condenável, sendo que os castigos morais seriam mais aconselháveis. Além disso, o autor fala sobre o uso do “não”, ao se referir aos castigos de acordo com a idade da criança:

Depois que a criança tiver uma noção vaga do que é permitido e do que é recusado, é possível que por um “não” de tonalidade mais acentuada ou acompanhado de um olhar de reprovação, se possa impedir uma conduta indesejável (Gomes, 1958, p. 190).

Mesmo criticando o castigo corporal excessivo, Gomes (1958) defende que quando as outras alternativas não surtirem efeito “é permitido dar uma palmada na mão da criança, para que ela sinta que está praticando ação reprovável. A palmada na mão imediatamente após a falta é às vezes o único meio de se corrigir o pré-escolar” (Gomes, 1958, p. 191).

No capítulo intitulado “Fatores da Conduta”, Gomes (1958) argumenta que a conduta da criança é resultado da interação de fatores internos (ou endógenos) e externos (ou exógenos). Em relação aos primeiros fatores, o autor fala sobre hereditariedade, defendendo que em toda conduta há uma participação maior ou menor da hereditariedade. Sobre os fatores externos, o autor discorre sobre o meio, citando diretamente J. B. Watson e seus conceitos, para explicar a influência deste no comportamento humano:

As teorias e as observações de Watson vieram dar aos fatores exógenos – o ambiente e a educação – uma supremacia no determinismo da conduta. Por processos chamados de condicionamento ou de descondicionamento, era possível formar, eliminar ou mudar as respostas condicionadas – os hábitos – sejam eles motores, emotivos, intelectuais ou morais. Assim é que Watson chegou a afirmar que não é só o temperamento, como a inteligência e o caráter eram respostas condicionadas. À hereditariedade restava o papel secundário de formar a estrutura do corpo (Gomes, 1958, p. 195).

Gomes (1958) defende a interação entre os fatores, afirmando que “em toda a conduta hereditária, há o fator meio; em toda a conduta adquirida, há o fator hereditariedade” (Gomes, 1958, p. 195). Sendo que caberia ao psicólogo descobrir a importância de cada fator em determinado comportamento.

O autor também dedica um capítulo para falar sobre “Bons Hábitos”. Ele discorre sobre como se formam os bons hábitos, utilizando-se dos experimentos de Pavlov²⁰ sobre reflexo condicionado para explicar como ocorre a formação dos hábitos. Gomes (1958) explica dando um exemplo de reflexo condicionado em humanos:

Quando sentimos o cheiro característico de um prato delicioso, imediatamente nos vem “água na boca”. Este reflexo não existe na criança pequena. Foi necessária a experiência, isto é, foi necessário que o indivíduo várias vezes experimentasse o sabor deste prato, associando-o antes à sensação odorífera [sic] (Gomes, 1958, p. 201).

O autor destaca que as leis que são observadas na formação destes hábitos mais simples, também se aplicam na formação de todos os outros hábitos. Mas questiona se essas mesmas leis se aplicam às atividades psíquicas superiores, como apontavam os behavioristas²¹ (Gomes, 1958).

²⁰ Ivan Petrovich Pavlov foi um fisiologista russo que ficou muito conhecido pelo seu trabalho sobre reflexos condicionados em seus experimentos com cães (ver Todes, 2014). Foi baseado nos trabalhos de Pavlov e Bechterev que Watson incluiu os reflexos condicionados como principal modelo explicativo do comportamento (Skinner, 1981).

²¹ Em resposta ele utiliza-se da opinião de Pavlov, que de acordo com uma carta escrita à Euríalo Cannabrava, mostrava-se cético aos resultados obtidos pelos behavioristas estadunidenses, quanto ao método objetivo de pesquisa do comportamento (ver A Ordem, 1933).

Gomes (1958) ainda escreve sobre as “crianças medrosas”. Ao explicar como o medo surge, ele utiliza termos semelhantes aos observados na teoria de J. B. Watson sobre criação de filhos, por exemplo, ele diz:

A criança tem medo de tudo que lhe causa dor ou a sensação de perigo iminente. Quando se aproxima de um cão ela não mostrará a menor reação. Mas, se o cachorro latir ou mordê-la, desde esse dia terá sempre medo. ... E assim, quase todo medo é condicionado por uma experiência dolorosa (Gomes, 1958, p. 279).

Ele ainda descreve outros fatores que são formadores de medo, semelhantes aos descritos por J. B. Watson e R. R. Watson (1928): perda de equilíbrio, quedas, fortes ruídos, aproximação brusca de pessoas ou animais; afirmando que todas esses episódios que possam assustar o bebê, devem ser evitados (Gomes, 1958). Sobre como fazer a criança deixar de temer algo ou alguma situação, o autor utiliza o exemplo do cão: “se, por exemplo, ela se amedronta com o cachorro, ao mesmo tempo que lhe mostramos o animal, damos-lhe um brinquedo em aparelhos, os jogos e os esportes” (Gomes, 1958, p. 280), mas não cita o termo “descondicionamento” ou o nome de qualquer autor.

Um ponto que merece menção, é o capítulo XXII do livro, intitulado “Desenvolvimento mental”, e que foi escrito por Helena Antipoff. Nesse capítulo, é apresentada uma tabela nomeada como “Ficha de Observação”, a qual era destinada a auxiliar na observação de crianças, para verificar seu desenvolvimento mental, entre o início da vida e a idade de 6-7 anos. Nessa tabela, foram utilizados autores que estudaram o desenvolvimento infantil, sendo que cada característica a ser observada era referenciada pelo autor na qual esta foi baseada. Watson foi mencionado diversas vezes (26 vezes) ao longo dessa ficha, citando-o ao se referir a algumas características que as crianças deveriam apresentar de acordo com sua idade (e.g., aos 18 meses: assoa o nariz quando se manda; calça chinelinhos; escova os dentes). A referência utilizada nessa tabela foi da primeira edição da tradução do *Psychological Care* (Watson & Watson, 1934).

Outros manuais citam alguns termos compatíveis com a teoria de criação de filhos de J. B. Watson, mas não citam J. B. Watson ou R. R. Watson diretamente e nem o livro proposto por eles. Um exemplo é o livro “Conselhos educativos sobre alimentação” (Andrade Filho, 1945), o qual foi editado e oferecido pela Nestlé. Em um trecho ele se refere às influências psicológicas afirmando que “o meio em que a criança vive se reflete sobre o seu comportamento de uma maneira muito intensa e a maneira incorreta de discipliná-la é a causa da maior parte de suas dificuldades alimentares” (Andrade Filho, 1945, p.20). Além disso o autor fala sobre formação de hábitos (p. 3, 4, 5), ele diz:

Interessa-nos tão somente conhecer a conduta a seguir em tudo que se refira ao problema alimentar, quanto à educação e à formação de hábitos. É um dever fundamental dos pais velar para que os filhos adquiram uma boa base de hábitos fisiológicos, que lhes serão de grande utilidade na vida (Andrade Filho, 1945, p. 3).

O autor ainda alerta que se deve tomar cuidado com os reflexos condicionados em crianças com dificuldades alimentares:

Nos inapetentes deve-se evitar tudo que possa servir para criar reflexos condicionados. Toda impressão desagradável sentida pela criança se fixa e bastará depois encontrar-se ela em situação idêntica à que lhe causou a impressão penosa para que reaja com intensidade (Andrade Filho, 1945, p. 20).

O autor José Martinho da Rocha também escreveu um manual de puericultura, intitulado “Guia para criar o Bebê: Puericultura Elementar” (1947a). J. M. Rocha foi um médico puericultor da época e que prefaciou e revisou as traduções do *Psychological Care*, além disso, ele escreveu o prefácio de outros livros de puericultura que foram publicados na primeira metade do século XX (e.g., Fortes, 1937; Telles, 1947).

No livro que escreveu sobre puericultura, ele faz algumas recomendações que se assemelham com ideias propostas por J. B. Watson e R. R. Watson (1928), como sugerir que a gestante faça um curso de puericultura enquanto espera o bebê (p. 27) e também alertar para os “palpites de leigos” (p. 73). Além dessas semelhanças com recomendações mais genéricas de J. B. Watson e R. R. Watson, J. M. Rocha também escreve sobre o “medo congênito” estar restrito a sons altos ou movimentação abrupta. Ao mencionar esse tema, o autor menciona genericamente “os psicólogos”, sem especificar o nome de J. B. Watson diretamente:

Acentuam os psicólogos que não há medo congênito; o bebê só é assustado pelos fortes ruídos, inclusive o trovão, como os povos selvagens, o bater inesperado de portas e janelas, pelo vento, como também a brusca movimentação desajeitada (J. M. Rocha, 1947a, p. 75).

J. M. Rocha também fala sobre reflexos condicionados e a formação de hábitos (p. 184, p. 199). Além de explicar sobre sensações e reações associadas, utilizando o conceito de reflexo condicionado (p. 200, p.204); e falar da utilidade do reflexo condicionado para o “asseio do bebê”:

Reflexos condicionados servem à educação ao **asseio do bebê** (urinar e evacuar no vaso desde os 6-9 meses de idade), instituindo-se o processo de assentá-lo recostado, sempre às mesmas horas, todos os dias, em comadre ou urinol, a princípio ao colo, depois no solo, sozinho, ou sobre cadeirinha especial, pinçando-se-lhe a coxa entre os dedos, ou comprimindo-se-lhe levemente as nadegas contra as bordas do recipiente, associando-se a isto instigação vocal de caráter especial (J. M. Rocha, 1947a, p. 201, negrito do autor).

M. Rocha (1937) foi outro autor que abordou alguns assuntos que se assemelham às ideias propostas no *Psychological Care* (Watson & Watson, 1928) ainda que não faça citações

diretas ao livro. Por exemplo, M. Rocha (1937) alerta para o cuidado com a super excitação do bebê (p. 38); fala sobre a importância do horário regular nas alimentações para iniciar disciplina (p. 34); aponta o “instinto de destruir da criança”, se referindo principalmente aos brinquedos (p. 44); também fala que seria vantajoso se as mulheres pudessem fazer um estágio em alguma maternidade ou creche antes do casamento, a fim de aprender alguns cuidados importantes com os bebês (p. 159).

3.4 “OS FUNDAMENTOS PSICOLÓGICOS DA EDUCAÇÃO BEHAVIORÍSTICA”

Além dos manuais discutidos neste estudo, outro livro da época merece um comentário especial. O principal livro que aborda o Behaviorismo na primeira metade do século XX é um livro dedicado as contribuições de J. B. Watson para a educação infantil, foi escrito por João Modesti, e intitulado “Os fundamentos psicológicos da educação behaviorística” (1959). Esse é o único livro do período que pudemos encontrar que aborda de forma extensiva a obra de Watson no português brasileiro. O autor cita 22 textos diferentes de J. B. Watson e usa amplamente o *Psychological Care* para apresentar a proposta educativa desse behaviorista. Modesti foi padre, professor e escreveu vários livros, e dentre os assuntos versados por ele, estavam psicologia (e.g., Modesti, 1952) e pedagogia (e.g., Modesti, 1975).

O livro foi dividido em duas partes com aproximadamente 100 páginas cada. Na primeira, ele caracteriza apropriadamente o behaviorismo watsoniano. Na segunda, critica parte das proposições behavioristas para a educação das crianças baseado tanto em textos eclesiais como de outros autores da psicologia (e.g., Dougall, 1942; Gemelli, 1949).

O autor então concluiu, que apesar de vários “méritos” do trabalho de J. B. Watson, esse defendia uma utopia inalcançável e irrealista. Modesti (1959) também critica J. B. Watson, por ter deixado completamente de lado a introspecção, o que reduziria o homem a uma máquina.

Apesar de o livro de Modesti (1959) não se caracterizar como um manual de puericultura, nos parece significativo que o livro brasileiro que mais amplamente discute o behaviorismo nas décadas que investigamos verse sobre educação infantil e fundamente-se extensivamente nas propostas do *Psychological Care*.

3.5 DISCUSSÃO

A análise dos manuais obtidos sugere que a teoria behaviorista de Watson sobre criação de filhos se configurou como uma influência importante de parte significativa dos autores de manuais de puericultura. Dos 15 manuais analisados, quase metade abordavam aspectos psicológicos ou comportamentais na criação de filhos. E desses manuais, com exceção de um (Oliveira, 1954), todos os outros que mencionavam esse tipo de cuidado incluíram referências diretas ou conceitos que foram popularizados pelos Watson com as traduções do *Psychological Care* (Watson & Watson, 1934; 1941).

Desses manuais que mencionam J. B. Watson ou conceitos de sua teoria de criação de filhos, apenas dois apresentam lista de referências (Andrade Filho, 1954; Gomes, 1958), e em ambos é referenciada a tradução do *Psychological Care* (Watson & Watson, 1934 – esse também é o caso de Modesti, 1959) e não a versão original em inglês. Além disso, Antipoff no capítulo sobre observação comportamental infantil, que escreveu no manual de Gomes (1958), também referencia a tradução diversas vezes ao longo da ficha de observação criada por ela, para vários pontos a serem observados no desenvolvimento das crianças.

Mesmo que em um desses manuais (Gomes, 1958) haja uma crítica ao behaviorismo de J. B. Watson, outras propostas de J. B. Watson foram aceitas e utilizadas pelo autor para orientar os leitores do livro em relação a criação de filhos. Além disso, o simples fato de Gomes (1958) mencionar diretamente o livro dos Watson, é sugestivo da importância do *Psychological Care* para debater esse assunto.

Esses dados fortalecem a hipótese de que o livro dos Watson foi uma influência importante a ser considerada pelos médicos puericultores da época no que se refere a questões psicológicas e comportamentais da criação de filhos, e mostra a relevância da tradução dessa obra para a disseminação das ideias behavioristas de Watson nessa área.

3.6.1 Relação entre os autores dos manuais

Os manuais descritos neste estudo que citam conceitos da teoria behaviorista de criação de filhos, proposta pelo casal Watson, ou que mencionam J. B. Watson diretamente, foram escritos por um grupo específico de autores. Um deles, José Martinho da Rocha, que faz uso de alguns conceitos, mas não cita diretamente J. B. Watson ou R. R. Watson em seu manual, foi o escritor do prefácio e o revisor das traduções do *Psychological Care* no Brasil. Sua participação e contribuições na puericultura brasileira foram diversas (Brazil Médico, 1939;

SBP, 2021b). Participou de várias associações médicas e trabalhou em alguns hospitais na área da pediatria e puericultura (J. M. Rocha, 1939; SBP, 2021b). Além de seu livro sobre criação de filhos (J. M. Rocha, 1947a) publicou no mesmo ano o livro, intitulado “Introdução à história da puericultura e pediatria no Brasil” (J. M. Rocha, 1947b), que de acordo com a SBP tornou-se muito importante para a área (SBP, 2021b).

O interesse de J. M. Rocha pelo livro dos Watson, parece ter sido impulsionado pela solicitação do editor Sobrinho da editora Marisa, a qual publicou a primeira edição da tradução do *Psychological Care* para o português brasileiro. O editor Sobrinho, em uma entrevista ao jornal Correio da Manhã do Rio de Janeiro em maio de 1934, falou sobre sua preocupação em proporcionar ao público brasileiro da época, obras que eram consideradas representativas da inteligência e cultura, nacional e internacional (Correio da Manhã, 1934). O editor discorreu sobre programas que visavam a publicação de obras que fossem de interesse da população, e que atingissem a necessidade de instrução técnica e especializada. Em um desses programas, o editor falou que solicitou a J. M. Rocha e Euríalo Cannabrava que organizassem uma coleção de obras científicas sobre pedagogia, psicologia e psicanálise (Correio da Manhã, 1934). Entre as obras desse programa, estavam: o “A Educação Pshycologica da Primeira Infancia” de J. B. Watson e R. R. Watson (traduzido por Mary Braxton Lee); “Psychologia Médica,” escrita pelo Dr. Walter H. V. Wyss e o livro “Introducção á Technica da Pshyco-analise Infantil” escrito por Anna Freud (todos traduzidos por J. M. Rocha e Cannabrava) (Correio da Manhã, 1934).

J. M. Rocha também escreveu o prefácio de outro manual de puericultura, do autor Walter Telles. No prefácio J. M. Rocha se refere a Telles como “seu assistente” (Telles, 1957) o que indica que os dois mantinham uma relação profissional próxima. Podemos especular que o interesse de Telles pela teoria de criação de filhos do *Psychological Care*, pode ter sido influenciada por J. M. Rocha. Telles trabalhou como médico higienista, além de ter sido assistente de ensino de alguns médicos na Faculdade Nacional de Medicina, entre esses médicos o Dr. J. M. Rocha, tornando-se livre-docente em 1945. O autor também desenvolveu atividades de pesquisa, participou de associações e escreveu livros e artigos científicos na área da pediatria e puericultura (Brasil Médico, 1951; SBP, 2021c). Foi diretor dos Cursos Nestlé de Atualização em Pediatria a partir de 1956, atividade que lhe propiciou grande visibilidade pública e entre os outros médicos (SBP, 2021c).

J. M. Rocha tinha um irmão chamado Martinho da Rocha (Junior), que também era médico puericultor. M. Rocha participou de associações, foi docente no curso de medicina além

de ministrar vários cursos na área (Brazil Médico, 1927; Brazil Médico 1928; Academia Nacional de Medicina [ANM], 2020). Foi diretor do Hospital São Sebastião (Rio de Janeiro) em 1930 (Brazil Médico, 1930). Dr. J. M. Rocha foi um de seus assistentes, além de outros nomes importantes da pediatria e puericultura da época (ANM, 2020). Realizou uma importante ligação entre a pediatria brasileira e alemã, traduzindo para a língua portuguesa várias obras, além de ter sido colaborador da revista de pediatria alemã “Kinderärztliche Praxis” (Brazil Médico, 1930; AMN, 2020).

Em seu manual publicado em 1937, M. Rocha também utilizou alguns conceitos que se assimilam a teoria do casal Watson. Embora não cite termos específicos do behaviorismo, ou mencione diretamente J. B. Watson, ou o *Psychological Care*, algumas propostas de M. Rocha se assemelham às ideias de J. B. Watson e R. R. Watson, descritas no *Psychological Care*, como citado anteriormente. Em sua primeira edição, publicada em 1935, M. Rocha aparece como único autor, o que ocorre ao menos até a 4ª edição²². A partir da 6ª edição, publicada em 1945, o autor Odilon de Andrade Filho aparece como colaborador de M. Rocha, o que indica que havia uma proximidade entre os dois autores.

O autor Odilon de Andrade Filho, que escreveu dois livros sobre cuidados com as crianças, também faz uso de termos da teoria de J. B. Watson e o cita diretamente. Foi diretor de hospital e professor de puericultura (Brazil Médico, 1939; Diário de Notícias, 1944). Esteve envolvido com questões políticas do país, participando de vários movimentos com reivindicações médico-sociais (Diário de Notícias, 1945a). Foi nomeado pelo presidente Getúlio Vargas como médico puericultor interino Classe I, em decreto assinado em 1945 (Diário de Notícias, 1945b). Em seu primeiro manual, intitulado “Conselhos educativos sobre alimentação” (1945) faz uso de termos semelhantes a teoria behaviorista de criação de filhos de J. B. Watson e R. R. Watson, o que sugere que o autor já vinha estudando o trabalho de Watson ao menos desde essa época. No segundo livro publicado por Andrade Filho em 1947 e 1954, com o título “Prepara teu filho para a vida adulta: educação psicológica da primeira infância”, há uma dedicatória ao “grande pediatra Dr. Martinho da Rocha, em penhor da amizade e gratidão” (Andrade Filho, 1954, s/p). Isso corrobora a hipótese de que ambos eram próximos, e que existia uma possível influência teórica.

²² Não foi possível acesso a 5ª edição, por isso não sabemos dizer se nessa edição há ou não menção a outro autor.

Outro autor que mencionou J. B. Watson diretamente e conselhos de sua teoria da educação de filhos, foi Fernando Magalhães Gomes. Médico do Corpo de Bombeiros, trabalhou como pediatra em hospitais e também como chefe de pediatria, participou de associações, inclusive como fundador e presidente. Foi professor de puericultura e higiene mental, para os cursos de medicina. Escrevia uma coluna semanal para um jornal e participou de programas de televisão (Tonelli & Freire, 2007).

Sobre este autor, não foram encontradas informações adicionais, que pudessem contribuir para uma inferência de relação com os outros autores. Mas em seu manual, o autor elencou várias referências bibliográficas que utilizou, e dentre os autores citados anteriormente, o único que aparece em suas referências é Odilon de Andrade Filho (1954).

O exposto sobre os autores que mencionam J. B. Watson ou seus conceitos, o *Psychological Care*, ou propostas semelhantes, sugere que eles fazem parte de um grupo de médicos puericultores e pediatras renomados em sua época de atuação, que interagiram diretamente e constituíram provável influência intelectual entre si. O fato desses autores apresentarem conceitos sobre criação de filhos propostos por J. B. Watson, ou do *Psychological Care*, reforça a importância da teoria de criação de filhos de J. B. Watson para as orientações em puericultura presentes nesses manuais brasileiros em meados do século passado.

3.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando os aspectos até então mencionados, é possível observar que o *Psychological Care* foi traduzido para o português brasileiro em um momento de transição nas propostas de educação das mães, no qual os médicos começaram a se tornar menos agressivos, com o foco maior nas crianças e menor nas mães, eles passaram a escrever direcionados às mulheres que já começavam a modificar seus hábitos (Martins, 2008). Nessa transição, os puericultores passaram a se preocupar com questões comportamentais e psicológicas das crianças, voltadas para o desenvolvimento moral e de caráter (Lima, 2013), e então começaram a se apropriar de conhecimentos da psicologia.

Nessa busca por uma formação de caráter dos indivíduos, a eugenia começou a ganhar espaço entre os médicos, que defendiam a “purificação racial” (Reis, 1994). Com os psiquiatras, o investimento em identificar as crianças mais “aptas” e as com “características degenerativas”, ocorreu principalmente nas escolas, com formação de professores, para que eles pudessem compartilhar os conhecimentos importantes para uma boa educação das crianças

(Roxo, 1925; Porto-Carreiro, 1929). Já os médicos puericultores focaram principalmente na educação das mães, em relação a escolha do “parceiro ideal” para se ter o “bebê ideal” (orientações essas, pautadas no conceito eugênico de “purificação racial”) e na melhor forma de criar crianças saudáveis e moralmente desenvolvidas.

Mesmo que adotassem um modelo teórico organicista - com explicação biológica para o surgimento de doenças - os médicos puericultores, assim como os psiquiatras, aliaram-se ao conhecimento de outras áreas, entre elas, teorias psicológicas que defendiam a influência do ambiente no surgimento de doenças. Essa contradição teórica não os impediu de defender seus métodos como científicos (Reis, 1994).

Nesse panorama o *Psychological Care* foi traduzido para o português brasileiro em uma coleção de obras científicas sobre pedagogia, psicologia e psicanálise, organizada pelo médico puericultor J.M. Rocha e pelo filósofo Cannabrava (Correio da Manhã, 1934). O contexto brasileiro de preocupação com a formação de caráter e moral das crianças em prol do futuro da nação e o fato de J. M. Rocha (comentarista e escritor do prefácio) ter sido importante para a puericultura no Brasil, em sua época, parecem ter contribuído para a aceitação, ao menos em parte, das ideias behavioristas de criação de filhos, postas no livro dos Watson, por outros puericultores. A maioria dos médicos que publicaram manuais de puericultura nesse período, e que citaram conceitos ou termos behavioristas ou que mencionam Watson, foram próximos de J. M. Rocha (irmão, alunos ou colegas).

Os autores que citam os conceitos behavioristas de J. B. Watson, citam ele diretamente, ou ainda mencionam o *Psychological Care*, geralmente abordam alguns conceitos mais popularizados da teoria behaviorista de criação de filhos de J. B. Watson. O termo “reflexo condicionado”, por exemplo, é citado em quase todos os manuais, com exceção de um (M. Rocha, 1937), sendo que alguns mencionam diretamente J. B. Watson (Andrade Filho, 1945; Telles, 1947; Gomes, 1958) e outros não mencionam nenhum autor (J. M. Rocha, 1947; Andrade Filho, 1954). O termo “formação de hábitos”, também aparece em dois manuais (Andrade Filho, 1954; Gomes, 1958) com menção direta a J. B. Watson. E em dois outros manuais (Andrade Filho, 1945; J. M. Rocha, 1947) sem menção a nenhum autor. Discussões sobre emoções como o medo também aparecem nos manuais, com citações diretas a J. B. Watson (Telles, 1947; Andrade Filho, 1954; Gomes, 1958) e sem nenhuma citação de autor (J. M. Rocha, 1947). Outros assuntos explorados por J. B. Watson também aparecem com menção

direta a ele, como a preocupação com o excesso de amor materno (Telles, 1947; Andrade Filho, 1954) e cólera (Andrade Filho, 1954; Gomes, 1958).

A partir dessas considerações, e na medida em que os livros e autores aqui analisados podem ser considerados representativos da literatura de puericultura voltada para leigos, a influência do *Psychological Care* e do behaviorismo contido neles parece ser expressiva, especialmente considerando que quase um terço dos manuais analisados continha proposições, vocabulário ou citações diretas favoráveis às proposições do casal Watson. Ainda mais, que de todos os livros que tratavam sobre aspectos comportamentais e psicológicos, apenas um não menciona Watson, o *Psychological Care* ou conceitos e termos behavioristas.

REFERÊNCIAS

- Andrade Filho, O. (1945). *Conselhos educativos sobre alimentação*. Nestlé.
- Andrade Filho, O. (1947). *Prepara teu filho para a vida: Educação psicológica da criança*. Livraria José Olímpio Editora.
- Andrade Filho, O. (1954). *Prepara teu filho para a vida: Educação psicológica da criança*. (2a ed.). São Civilização Brasileira.
- Associações Científicas [Editorial] (1927). *Brasil Médico*, 53(2), 1409.
- Atos do Prresidente da República [Editorial] (1945b). *Diário de Notícias*, 6940(1), 4.
- Bonilha, L. R. C. M. & Rivorêdo, C. R. S. F. (2005). Puericultura: duas concepções distintas. *Jornal de Pediatria*, 81(1), 7-13.
- Carta inédita [Editorial] (1933). *A Ordem*, 41(1), 838-839.
- Consulta de Puericultura (2021a). <https://www.sbp.com.br/especiais/pediatria-para-familias/cuidados-com-a-saude/consulta-de-puericultura/>
- Colaboradores efetivos [Editorial] (1951). *Brasil Médico*, 65(9,10).
- Commentários [Editorial] (1928). *Brasil Médico*, 46(2), 1298.
- Commentários [Editorial] (1951). *Brasil Médico*, 10(1), 7.
- Curso de Puericultura [Editorial] (1944). *Diário de Notícias*, 6561(1), 6.
- Decreto nº 667, 16 de agosto de 1890 (1890, 16 de agosto). Cria um estabelecimento de ensino profissional sob a denominação de Pedagogium. Diário Oficial da União.

Decreto nº 4778, 27 dezembro de 1923 (1923, 27 de dezembro). Considera de utilidade pública a Liga Brasileira de Hygiene Mental. Diário Oficial da União.

Fausto, B. (2006). *História concisa do Brasil*. Edusp.

Fortes, H. (1937). *Puericultura* (2ª ed.). Tipografia Carlos Meier & Cia.

Ferreira, O. L., & Freire, M. M. L. (2005). Higienismo, feminismo e maternalismo: Ideologias e práticas de proteção à infância no Brasil, 1899-1940. In A. L. Pereira, & J. R. Pita, *Estudos do século XX: Ciência, saúde e poder* (p. 305-320). Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX, Universidade de Coimbra.

Freire, M. M. L. (2008). Ser mãe é uma ciência: Mulheres, médicos e a construção da maternidade científica na década de 1920. *Revista História, Ciências e Saúde*, 15(suplemento), 153-171.

Freire, M. M. L. (2011). Maternalismo e proteção materno-infantil: Fenômeno mundial de caráter singular. *Caderno de História da Ciência*, 7(2), 55-70.

Jones, M. C. (1931). The conditioning of children's emotions. In C. Murchison (Ed.), *A Handbook of Child Psychology* (pp. 71-93). Clark University Press.

José Martinho da Rocha (1899-1977) (2021b). <https://www.sbp.com.br/capa-teste/institucional/academia-brasileira-de-pediatria/patronos-e-titulares/jose-martinho-da-rocha/>

Lessa, C. (2008). Nação e nacionalismo a partir da experiência brasileira. *Estudos Avançados*, 22(62), 237-256.

Lima, A. L. G. (2006). A maternidade entre a natureza e a ciência: Um estudo histórico de manuais de puericultura. *Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero*. UFSC.

Lima, A. L. G. (2007). Maternidade higiênica: Natureza e ciência nos manuais de puericultura publicados no Brasil. *História: Questões & Debates*, 47, 95-122.

Lima, A. L. G. (2008) Os saberes especializados da pediatria e a adaptação das mães às necessidades de seus bebês: Um estudo de manuais de puericultura publicados no Brasil. *Anais da Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação*.

Lima, A. L. G. (2013). Recomendações médicas para a educação da criança-problema: um estudo de manuais de higiene mental, 1939-1947. *Revista História, Ciências, Saúde*, 20(1), 317-325.

- Magalhães, M. G. S. (2011). *Medos, mimos e cuidados. Leituras úteis para educar as mães: Os guias maternos brasileiros (1919-1957)* [Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação].
- Massimi, M. (1984). História das ideias psicológicas no Brasil em obras do período colonial [Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo].
- Martinho da Rocha Junior (2020). <http://www.anm.org.br/martinho-da-rocha-junior/>
- Martins, A. P. V. (2008). “Vamos criar seu filho”: Os médicos puericultores e a pedagogia materna no século XX. *Revista História, Ciências, Saúde*, 15(1), 135-154.
- Modesti, J. (1952). *O mundo do adolescente psicologia da adolescência*. Dom Bosco.
- Modesti, J. (1959). *Os fundamentos psicológicos da educação behaviorística* (vol. 29). Vozes.
- Modesti, J. (1975). *Uma Pedagogia Perene*. Dom Bosco.
- Movimento democrático dos médicos [Editorial] (1945a). *Diário de Notícias*, 6894(1), 12.
- Notas e informações [Editorial] (1930). *Brasil Médico*, 29(2), 790.
- Notas e informações [Editorial] (1930). *Brasil Médico*, 39(2), 1107.
- Nunes, S. A. (1988). Da medicina social à psicanálise. Em: *Percursos na história da psicanálise*, Ed. Taurus.
- Oliveira, V. (1954). *Higiene e Puericultura* (Vol. 6). Editora do Brasil.
- Os problemas do livro brasileiro: o que nos diz sobre o assunto o sr. M. Sobrinho [Editorial] (1934, maio, 31). *Correio da Manhã*, 12119(1), 7.
- Paixão, A. A. & Strapasson, B. A. (no prelo). A discreta introdução do behaviorismo no português brasileiro: A tradução de “Psychological Care of Infant and Child”.
- Pereira, J. S. (2006). *História da pediatria no Brasil de final do século XIX a meados do século XX* [Tese de Doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas].
- Pessotti, I. (1988). Notas para uma História da Psicologia Brasileira. Em: Conselho Federal de Psicologia (Org.). *Quem é o psicólogo brasileiro?* Edicon, 17-31.
- Porto-Carreiro, J. P. (1929). *Ensaio de Psychanalyse*. Flores & Mano. (Original publicado em 1926).
- Reis, J. R. F. (1994). Higiene Mental e Eugenia: o projeto de “regeneração nacional” da Liga

Brasileira de Higiene Mental (1920-30) [Dissertação de Mestrado, Universidade de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas].

Rocha, J. M. (1939, 14 de outubro). Vida Universitária. *Brazil Médico*, 42(1), 22.

Rocha, J. M. (1947a). *Guia para criar o bebê: Puericultura elementar*. Livraria Editora Zelio Valverde.

Rocha, J. M. (1947b). *Introdução à história da puericultura e pediatria no Brasil*. Mauá.

Rocha, M. (1937) *Cartilha das mães* (4a ed.). Civilização Brasileira.

Rocha, M. (s.d). *Cartilha das mães* (8a ed.). Em colaboração com Odilon de Andrade Filho. Civilização Brasileira.

Rocha, M. (1954). *Cartilha das mães* (9a ed.). Em colaboração com Odilon de Andrade Filho. São Paulo Editora.

Roxo, H. (1925, dezembro) Higiene mental. In *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental*, ano 1 (2). <http://www.cch.uem.br/grupos-de-pesquisas/gephe/documentos/arquivos-brasileiros-de-higiene-mental>

Rutherford, A. (2001). *Introduction to "A Laboratory Study of Fear: The Case of Peter" Mary Cover Jones (1924)*. //psychclassics.yorku.ca/index.htm

Skinner, B. F. (1981). Pavlov's influence on psychology in America. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 17(2), 242-245. [https://doi.org/10.1002/1520-6696\(198104\)17:2<242::AID-JHBS2300170212>3.0.CO;2-Y](https://doi.org/10.1002/1520-6696(198104)17:2<242::AID-JHBS2300170212>3.0.CO;2-Y)

Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro [Editorial] (1939). *Brazil Médico*, 28(1), 722.

Sodré, F. (1923). Livros novos. *Brazil Médico*, 17(1), 270.

Telles, W. (1946) ... *E agora mamãe? Cartas sobre a criação do bebê*. Livraria Victor Editora.

Todes, D. (2014). *Ivan Pavlov: A Russian life in Science*. Oxford University Press.

Tonelli, E. & Freire L. M. S. (2007) *Patronos da Academia Mineira de Pediatria: perfis bibliográficos*. Sociedade Mineira de Pediatria, Academia Mineira de Pediatria.

Walter Telles (1968/69): clínico, docente, militante e divulgador da Pediatria (2021c) <https://www.sbp.com.br/pessoas/pessoa/peid/walter-telles/>

Watson, J. B., & Rayner, R. (1920). Conditioned emotional reactions. *Journal of Experimental Psychology*, 3(1), 1-14.

Watson, J. B. & Watson, R. R. (1928). *Psychological care of infant and child*. Norton.

Watson, J. B. & Watson, R. R. (1934). *Educação psicológica da primeira infância*. (M. B. Lee, trads., J. M. Rocha, revisor). Marisa (Trabalho originalmente publicado em 1928).

Watson, J. B. & Watson, R. R. (1941). *Educação psicológica da primeira infância*. (2a ed.). (M. B. Lee, trads., J. M. Rocha, revisor). Emiel (Trabalho originalmente publicado em 1928).

4 CONCLUSÃO GERAL

O *Psychological Care* chegou ao Brasil em um contexto similar ao contexto estadunidense no momento do recebimento da proposta de educação infantil de J. B. Watson. Momento marcado pela luta contra a mortalidade infantil (Freire, 2008; Lima, 2013; Martins, 2008; Vincent, 1951) e preocupação com a saúde física do bebê (Costa, 1989; Freire, 2008, 2014; Lima, 2008; Magalhães, 2011; Pereira, 2006; Vincent, 1951). Surgiu então a necessidade de educar a população para que soubessem a melhor forma de cuidar das crianças, e garantir sua sobrevivência, o que só seria possível com o conhecimento pautado na ciência (Costa, 1989; Freire, 2008, 2014; Lima, 2008; Magalhães, 2011; Martins, 2008; Pereira, 2006; Vincent, 1951).

Tanto o Brasil quanto os EUA (país no qual o *Psychological Care* foi originalmente publicado) foram marcados, no início do século XX, por uma transição na preocupação com cuidados físicos do bebê para uma preocupação com cuidados psicológicos e comportamentais das crianças, e também por uma transição nas propostas de educação das mães, de um modelo de educação mais rígida, para um modelo mais liberal, com linguagem mais direta e clara (Martins, 2008; Lima, 2013).

Ambos os países passavam por momentos políticos delicados, aumentando a preocupação em formar bons cidadãos para contribuir com o progresso da nação. O Brasil, em um momento de grande nacionalismo, que ganhou evidência no pós-primeira guerra mundial (Lessa, 2008), também foi afetado pelas consequências da crise estadunidense de 1929, tendo sua exportação comprometida. Passou por um período político intenso, que culminou na Revolução de 30, com Vargas no poder, seguida de uma ditadura militar (Hallewell, 2017). Essas questões políticas e econômicas que estavam em voga nas primeiras décadas do século XX no Brasil, favoreceram as traduções, pois passou a ser mais barato publicar no Brasil que importar livros. O momento da ditadura militar no Brasil, também contribuiu para o aumento das traduções, pois com muitos livros nacionais censurados pelo governo de Vargas, os autores passaram a investir na venda de obras traduzidas (Hallewell, 2017; Paixão, 1997).

As traduções também foram um meio para que a comunidade médica se apropriasse do conhecimento de outras áreas para orientar a população sobre a criação de filhos (e.g., Czerny, 1934; Freud, 1934). Entre essas áreas estavam a psicologia, a psicanálise e a eugenia. Pautados na eugenia, os médicos psiquiatras defendiam a “purificação racial”, como importante para prevenir a “contaminação hereditária” (Reis, 1994). Os médicos puericultores preocupados

com a educação das mães (principalmente as mães de camadas mais abastadas da sociedade), orientavam em relação a escolha do “parceiro ideal” para se ter o “bebê ideal” (orientações essas que também eram pautadas no conceito eugênico de “purificação racial”).

Nesse cenário de demanda cultural por livros de educação psicológica de filhos, do grande investimento do mercado editorial nacional em traduções, e da preocupação com o futuro do país, que girava em torno do grande nacionalismo vigente, a editora Marisa solicitou ao médico puericultor J.M. Rocha e ao filósofo Cannabrava, que organizassem uma coleção de obras científicas sobre pedagogia, psicologia e psicanálise, (Correio da Manhã, 1934b). Nessa coleção, umas das obras publicadas, foi a primeira tradução do *Psychological Care* (J. B. Watson & R. R. Watson, 1934).

Surge nesse momento, com a tradução da primeira obra behaviorista no país, uma oportunidade de disseminação e consolidação do behaviorismo no Brasil. Porém, problemas na tradução e eventuais avaliações críticas do autor do prefácio e notas da tradução, parecem ter entregado um livro menos behaviorista que seu original.

Entretanto, esses problemas na tradução e as críticas feitas pelo comentarista e escritor do prefácio (J. M. Rocha), não impediram que os conceitos e termos behavioristas do livro dos Watson fossem utilizados por vários autores de manuais de puericultura no Brasil (M. Rocha 1937; Andrade Filho, 1945, 1954; J. M. Rocha, 1947; Telles, 1956; Gomes, 1958), entre as décadas de 1930 e 1960. Ponderando que dos 7 manuais que mencionavam aspectos comportamentais e psicológicos, 6 citavam apresentavam menções a conceitos, termos ou citações diretas à J. B. Watson, e que esses livros foram escritos por autores, que podem ser considerados importantes para literatura da puericultura nacional no século XX, a influência do *Psychological Care* e do behaviorismo contido neles parece ser significativa. O que contrapõe a conclusão do primeiro estudo, de que eventuais problemas nas traduções pudessem ter comprometido o potencial do livro, em ajudar o behaviorismo a se consolidar no país, ao menos no âmbito da puericultura. A influência do livro na literatura psicológica ampla ainda está por ser avaliada.

REFERÊNCIAS

- Andrade Filho, O. (1945). Conselhos educativos sobre alimentação. Rio de Janeiro, RJ: Nestlé.
- Andrade Filho, O. (1954). Prepara teu filho para a vida: Educação psicológica da criança. (2ª ed.). São Paulo, SP: Civilização Brasileira.

- Costa, J. F. (1989). *Ordem médica e norma familiar* (3a ed.). Rio de Janeiro: Graal.
- “Educação psychologica da primeira infância” por John B. Watson [Editorial]. (1934a, 8 de maio). *Correio da manhã*, 12099, 8.
- “Educação psicológica da primeira infância” por John B. Watson [Editorial]. (1941). *A Ordem*, 122, 126, 604.
- Freire, M. M. L. (2008). Ser mãe é uma ciência: Mulheres, médicos e a construção da maternidade científica na década de 1920. *Revista História, Ciências e Saúde*, 15(suplemento), 153-171.
- Freire, M. M. L. (2014). A puericultura em revista. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, 24(3), 973-993.
- Gomes, F. M., & Antipoff, H. (1958). *Faça seu filho feliz* (2ª ed.). Belo Horizonte, MG: Itatiaia.
- Hallewell, L. (2017). *O livro no Brasil: Sua história*. (3a ed.). (M. P. Villalobos; L. L. Oliveira & G. G. Souza, trads.) São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo.
- Lessa, C. (2008). Nação e nacionalismo a partir da experiência brasileira. *Estudos Avançados*, 22(62), 237-256.
- Lima, A. L. G. (2008) Os saberes especializados da pediatria e a adaptação das mães às necessidades de seus bebês: Um estudo de manuais de puericultura publicados no Brasil. *Anais da Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação*.
- Lima, A. L. G. (2013). Recomendações médicas para a educação da criança-problema: Um estudo de manuais de higiene mental, 1939-1947. *Revista História, Ciências, Saúde*, 20(1), 317-325.
- Magalhães, M. G. S. (2011). *Medos, mimos e cuidados. Leituras úteis para educar as mães: Os guias maternos brasileiros (1919-1957)* [Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação].
- Martins, A. P. V. (2008). “Vamos criar seu filho”: Os médicos puericultores e a pedagogia materna no século XX. *Revista História, Ciências, Saúde*, 15(1), 135-154.
- Os problemas do livro brasileiro: o que nos diz sobre o assumpto o sr. M. Sobrinho [Editorial] (1934b, maio, 31). *Correio da Manhã*, 12119(1), 7.
- Paixão, F. (1997). *Momentos do livro no Brasil*. São Paulo, SP: Ática.
- Pereira, J. S. (2006). *História da pediatria no Brasil de final do século XIX a meados do século XX* [Tese de Doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e

Ciências Humanas].

- Reis, J. R. F. (1994). Higiene Mental e Eugenia: o projeto de “regeneração nacional” da Liga Brasileira de Higiene Mental (1920-30) [Dissertação de Mestrado, Universidade de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas].
- Rocha, J. M. (1947). *Guia para criar o bebê: Puericultura elementar*. Rio de Janeiro, RJ: Livraria Editora Zelio Valverde.
- Rocha, M. (1937). *Cartilha das mães* (4ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira.
- Telles, W. (1946) ... *E agora mamãe? Cartas sôbre a criação do bebê*. Rio de Janeiro, RJ: Livraria Victor Editora.
- Vincent, C. E. (1951, September). Trends in infant care ideas. *Child Development*, 22(3), 199-209.
- Watson, J. B. & Watson, R. R. (1934). *Educação psicológica da primeira infância*. (M. B. Lee, trads., J. M. Rocha, revisor). Rio de Janeiro, RJ: Marisa (Trabalho originalmente publicado em 1928).

APÊNDICE 1

Lista dos manuais identificados mas não acessados

- Almeida Junior, A. e Mursa, M. (1933). *O livro das mães: noções de puericultura* (2ª ed). São Paulo: Cia Editora Nacional.
- Baptista, V. (1933). *Higiene e alimentação da criança*. Rio de Janeiro: Editor Calvino Filho.
- Barros Filho, J. M. (1940). *O Médico e a criança: Estudos de Puericultura e Eugenia*. São Paulo: Gráfica da Revista dos Tribunais.
- Brasil, M. A. (1940). *Como devo cuidar meu filho? Princípios Fundamentais da Puericultura*. Porto Alegre, RS: Livraria do Globo.
- Costa, C. C. (1950). *Puericultura: eugénia – pré-natal – mortinatalidade – maternidade – assistência – obstétrica domiciliar – serviço social*. Rio de Janeiro, Departamento de Imprensa Nacional.
- De Lamare, R. (1941) *A vida do bebê*. Rio de Janeiro.
- Gesteira, M. (1943). *Puericultura: higiene alimentar e social da criança*. Rio de Janeiro: Pan-Americana.
- Gonzaga, O. (1935). *A criança: noções de medicina e higiene*. São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- Lages, W. (1941). *Higiene da criança: noções elementares de puericultura*. Bahia: Imprensa Oficial.
- Laport, F. (1941). *A.B.C. das Mães*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Freitas Bastos.
- Moncorvo Filho C. A. (1940). *Notas para um manual elementar de pediatria* (Rio de Janeiro: Typ. Lyra)
- Para as Mães*. (1940). Rio de Janeiro: Companhia Nestlé.
- Prado, C. (1938). *Vamos criar seu filho!* São Paulo: Guairá.
- Ramos, A. (1939). *A criança problema: a higiene mental na escola primária*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Ribeiro, O. S. G. (1937). *Puericultura e Pedagogia Euphrenopedia – como desenvolver a inteligência da criança, desde o berço*. Rio de Janeiro: Tipografia Pimenta de Mello e Cia.

Rocha, J. M. (1947). *Como criar o bebê*. Rio de Janeiro: s/n.

Sampaio, S. (1937). *Noções de higiene infantil. I volume: a criança de peito*. Rio de Janeiro, Oficinas Gráficas do Jornal do Brasil.

Sant'Anna, J. & Gonzaga, L. (1931). *Escola de Mães Saúde de Filhos* (2ª ed.). Rio de Janeiro: Oficinas Gráficas da Casa Leuzinger.

Spock, B. (1956). *Como cuidar de seu filho: guia dos pais*. (trad. J. Israel Lemos). Rio de Janeiro: Atheneu.

Vasconcelos, J. F. & Lopes, C. A. (1957). *Livro das Mães*. 3 ed. Rio de Janeiro: Depto. Nacional da Criança.

APÊNDICE 2

Lista dos manuais analisados

Os livros que discorrem apenas sobre cuidados físicos das crianças, foram marcados com um asterisco (*).

*Alcantara, de. P. (1945). *Higiene da primeira infância* (2ª ed.). São Paulo, SP: Companhia Editora Nacional.

Andrade Filho, O. (1945). *Conselhos educativos sobre alimentação*. Rio de Janeiro, RJ: Nestlé.

Andrade Filho, O. (1954). *Prepara teu filho para a vida: Educação psicológica da criança*. (2ª ed.). São Paulo, SP: Civilização Brasileira.

*Fortes, H. (1937). *Puericultura* (2ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: Tipografia Carlos Meier & Cia.

*Gesteira, M. (1940). *Como criar o meu filhinho: palestras com o doutor* (2ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: Companhia Editora Nacional.

Gomes, F. M., & Antipoff, H. (1958). *Faça seu filho feliz* (2ª ed.). Belo Horizonte, MG: Itatiaia.

*Lages, W. (1957). *Como proteger seu filho: Problemas de maior freqüência na assistência à criança* (2ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: Editorial Sul Americana.

Oliveira, de. V. (1954). *Higiene e puericultura*. São Paulo, SP: Editôra do Brasil.

*Piza, W. (1939). *O livro das mãezinhas* (2ª ed.). São Paulo, SP: Salles Oliveira & Cia.

*Piza, W. (1956). *O livro das mãezinhas*. São Paulo, SP: Rotary Clube de São Paulo Sul.

*Rinaldi, G. R. (1941). *A mamãezinha, pequenas lições de puericultura*. Rio de Janeiro, RJ: Indústria do Livro Ltda.

Rocha, J. M. (1947). *Guia para criar o bebê: Puericultura elementar*. Rio de Janeiro, RJ: Livraria Editora Zelio Valverde.

Rocha, M. (1937). *Cartilha das mães* (4ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira.

Rocha, M., & Andrade Filho, O (1954). *Cartilha das mães* (9ª ed.). São Paulo, SP: São Paulo Editora.

*Sampaio, S. (1941). *Noções de higiene infantil – II volume: o pré-escolar* (1ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: Oficinas Graficas do “Jornal do Brasil”.

Telles, W. (1946) ... *E agora mamãe? Cartas sôbre a criação do bebê*. Rio de Janeiro, RJ:

Livraria Victor Editora.

Watson, J. B. & Watson, R. R. (1928). *Psychological care of infant and child*. New York, NY: Norton.

Watson, J. B. & Watson, R. R. (1934). *Educação psicológica da primeira infância*. (M. B. Lee, trads., J. M. Rocha, revisor). Rio de Janeiro, RJ: Marisa (Trabalho originalmente publicado em 1928).

Watson, J. B. & Watson, R. R. (1941). *Educação psicológica da primeira infância*. (2ª ed.). (M. B. Lee, trads., J. M. Rocha, revisor). Rio de Janeiro, RJ: Emiel (Trabalho originalmente publicado em 1928).

*Wittrock (1943). *Guia das mães* (2ª ed.). Rio de Janeiro.

ANEXO

RBTC

Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva

USP



A quem possa interessar,

Na função de editor-chefe da **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva** (RBTC - <http://rbtc.webhostusp.sti.usp.br> - e-ISSN: 1982-3541), informo que a autora, **Aline Aparecida Paixão**, bem como o co-autor **Bruno Angelo Strapasson**, possuem o direito de reprodução parcial ou total do artigo de sua autoria publicado no Volume de 2021 da RBTC, sob o título: *A discreta introdução do behaviorismo no português brasileiro: A tradução de "Psychological Care of Infant and Child" de Watson e Watson.*

A RBTC é uma revista científica digital indexada e revisada por pares, mantida pela da **Associação Brasileira de Ciências do Comportamento** (ABPMC). Seu acesso é livre e todo seu conteúdo pode ser reproduzido para fins não comerciais (como dissertações, teses, trabalhos de conclusão de curso e outros textos acadêmicos ou jornalísticos), bastando apenas ser devidamente citado/referenciado ([Licença Creative Commons](#) Atribuição Nãocomercial 4.0 Internacional CC BY-NC 4.0)

Dr. Hernando Borges Neves Filho
(Universidade Estadual de Londrina)
Editor-Chefe
rbtc@usp.br

Londrina, 18 de Novembro de 2021
www.usp.br/rbtc